



Michael Garcia da Rocha

MICHAEL GARCIA DA ROCHA

2 0 1 9

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação



VIADAGEM, NEGRITUDE E ESTÉTICA MARGINAL EM UMA PRODUÇÃO DE MODA

2 0 1 9

Trabalho de Conclusão de Curso
Bacharel em Design

Michael Garcia da Rocha
Orientação: Professor Dr. Claudio Roberto Y Goya

AGRADECIMENTOS

Primordialmente, à minha família, Marilene, Antonio, Deivid, Tatiana e Luana, por todo o esforço para me manter na faculdade durante esses anos, por todo o apoio, suporte e incentivo aos meus estudos.

Às políticas públicas de ingresso ao ensino superior brasileiro - aqui, lê-se Cotas Raciais e Socioeconômicas - que possibilitaram minha entrada neste ambiente tão enriquecedor. Também, não atrás, à UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e ao curso de Design, que mesmo sofrendo com socateamento, fomenta o conhecimento científico aplicado à sociedade, gerando profissionais, pesquisadores e estudantes críticos à situação social do país.

Aos meus amigos mais que queridos que ajudaram diretamente neste projeto, seja ouvindo minhas lamentações, ou “dando o nome” nos momentos mais necessários. Fernanda, Gabriel Rangel, Gabriel Rodrigues, Hellige, Igor, Isis, Marcela, Marlon, Matheus e Rafaella. Não menos importante, aos modelos que neste projeto aparecem: César (Beto), Gustavo e Rodrigo.

Agradeço à República Narceja, moradores, ex-moradores e agregados, por terem me acompanhado nesses 5 anos de descobrimento étnico/de sexualidade. Por todo carinho, parceria e bagaceragem.

Ao Labsol - Laboratório de Design Solidário, por todo o suor, glitter, calor, carnaval, amigos e artesanato. Todas as experiências vividas neste projeto foram mais que enriquecedoras, sou extremamente grato. Em especial, ao meu orientador e amigo, Prof^o Claudio Goya, por toda a comida, diversão e trabalho nesses 5 anos de orientação.

Por fim, mas não menos importante, a todos aqueles que, eventualmente, eu tenha esquecido de agradecer. Nesses meses de nervosismo e ansiedade, esquecer coisas virou um hábito.



**“SER BICHA NÃO É SÓ DAR O CU
É TAMBÉM PODER RESISTIR”**

Linn da Quebrada, 2017

RESUMO

Nesta pesquisa é realizada uma coleção pocket de moda com 12 looks, voltados a homens homossexuais negros. O objetivo principal do estudo é facilitar o processo de empoderamento através da comunicação não verbal aliada a moda. Para tal, foram utilizadas adaptações da Metodologia de Projeto de Produto, de Mike Baxter (2011). Durante o embasamento de tomadas de decisões e na compreensão da moda como instrumento de influência nos processos de empoderamento, foram estudadas teorias que abarcam processos de identidade negra, formação psíquica do negro diaspórico, experiências de gays negros afeminados, dinâmicas da comunidade Gay e Empoderamento. Além disso, foram analisados aspectos visuais da periferia paulistana, mais precisamente do bairro do Grajaú, extremo sul da capital, para encontrar elementos simbólicos que auxiliassem a representação imagética.

Palavras-chave: Gay. Empoderamento. Moda. Identidade. Bicha.

ABSTRACT

In this research was created a pocket fashion collection with 12 looks, designed for black homosexual men. The purpose of this study is to facilitate the empowerment process through nonverbal communication and fashion. Mike Baxter's Product Design Methodology (2011) were used to justify the decisions made in this project and also to understand how fashion can influence empowerment processes. Theories covering black identity processes, diasporic black psychic formation, effeminate black gay experiences, dynamics of the gay community and empowerment were studied. In addition, visual aspects of the São Paulo periphery were analyzed, more precisely the Grajaú neighborhood, far south of the capital, to find symbolic elements that would help the imagery representation.

Key-Words: Gay. Empowerment. Fashion. Identity. Faggot.

INTRODUÇÃO

LEVANTA GAY BORA TRABALHAR

OBJETIVOS

EIXO 1 - TEÓRICO

1.1 - NEGRITUDE

Processos Identitários Contemporâneos

A Identidade Negra

O Empoderamento Negro

Como o Design Influencia o Empoderamento Negro

1.2 - SEXUALIDADE, UMA PERSPECTIVA VIADA

Viadagem: as Gays, as Pocs e as Bixas (bichas)

A Interseccionalidade: Negro, Gay e Afeminado

Sou Bixa! Um grito de (r)existência

1.3 - A ESTÉTICA MARGINAL

Pixo

O Tijolo Exposto

O Lambe

1.4 - A MODA COMO MEIO DE DISCURSO.

8 EIXO 2 - PRODUÇÃO 23

8 2.1 - PROCESSO CRIATIVO 26

8 Pesquisa de Referências 26
Assim nasce a Bixa (a marca) 30

2.2 - MODELAGEM 3D 31

2.3 - PRODUÇÃO DAS PEÇAS PILOTO 45

9 Modelagem Plana das peças piloto 45

10 Corte e Costura 45

10 Alterações e Erros 47

11

11 2.4 - PRODUÇÃO DAS PEÇAS FINAIS 48

13 Estampagem de tecidos 48

13 Modelagem final 54

15 Costura final 54

16 Prova dos modelos 55

16 Acessórios: bixa, esse brilho é seu! 56

18 EIXO 3 - FINALMENTES 59

18 3 - RESULTADOS FINAIS 60

20 4 - CONCLUSÃO 68

21

22 5 - BIBLIOGRAFIA 70

INTRO- DUÇÃO

Esta pesquisa nasce de uma inquietação pessoal do autor - negro, gay e periférico - que depois de um tardio processo de autodeclaração étnica, percebeu outra dor: a de nunca se sentir representado em todos seus aspectos identitários. Até que em 2017, numa ida a festa **BATEKOO**, na cidade de São Paulo, e pela primeira vez em 20 anos, experienciou um sentimento jamais visto antes: o de ser plenamente representado.

Ao analisar os motivos dessa demora, entendeu-se que a identidade preta-LGBT é ainda pouco explorada em produções culturais e artísticas. Sendo esta, então, a motivação ao Projeto Bixa.

O Bixa fala sobre homens, homossexuais, negros, periféricos da cidade de São Paulo. Fala sobre identidade, autoconhecimento e empoderamento. Tem o intuito de levar essa sensação tardia a todos semelhantes.

Como fazer essa representação? Como ajudar outras Bixas a se sentirem empoderadas? Como fomentar as discussões sobre a interseccionalidade gay-preto-afeminado-periférico? Essas são as perguntas que este estudo pretende responder.

O Bixa consiste no desenvolvimento de uma coleção pocket de moda, com 12 looks, que visa auxiliar o processo de empoderamento de homens homossexuais negros, gerando discussões sobre o tema e pondo-os em lugar de destaque. Para tal, será necessário embasamentos teóricos sobre Identidade Negra, Empoderamento e Viadagem e estudos sobre as produções artísticas típicas de grupos marginalizados da cidade de São Paulo. Com base nessas informações, serão projetadas as 24 peças deste referido estudo. Além disso, 6 protótipos feitos, servindo como constatação de que tal proposição pode ser materializada.

MOTIVAÇÃO LEVANTA GAY BORA TRABA- LHAR

OBJETI- VOS

Fruto de uma construção de identidade fragilizada, o autor sente a necessidade de produzir algo que, de alguma forma, ajude bixas pretas e periféricas, assim como ele, a se encontrarem, a se sentirem representadas e a entenderem que elas também podem ser tudo o que quiserem.

Analisando sua trajetória de vida, o autor traz aspectos da sua vivência no Grajaú - bairro do extremo sul da Capital Paulista - aliados a conceitos de design, sociologia e representação gráfica, como forma de ressignificar estéticas marginalizadas, opressões, e características dele antes renegadas.

Assim nasce o Bixa, um projeto que visa criar representação legitimamente viada, negra e periférica, que usa a moda e o discurso visual como meio de auxílio ao processo de empoderamento, criando uma nova possibilidade de identidade autêntica deste grupo.

O Bixa tem como objetivo geral auxiliar o processo de empoderamento de homens homossexuais negros e/ou periféricos através do discurso visual e da moda como forma de posicionamento político e de autoafirmação.

Os objetivos específicos são: (1) projetar 12 *looks* para uma coleção pocket de moda - com 22 peças - usando tecnologia de modelagem em 3D, (2) prototipar 3 *looks* - 6 peças - dessa referida coleção, a fim de comprovar sua eficácia e sua possibilidade de materialidade e (3) fazer um ensaio fotográfico que represente a essência deste projeto, com os modelos homossexuais negros.

EIXO 1

TEÓRICO

10 - NEGRITUDE

14 - SEXUALIDADE, UMA PERSPECTIVA VIADA

18 - ESTÉTICA MARGINAL

22 - A MODA COMO MEIO DE DISCURSO

1.1 – NEGRITUDE

Processos Identitários Contemporâneos

Antes de tudo, é crucial fazer um panorama geral das concepções contemporâneas sobre os processos identitários da sociedade ocidental. Importante frisar que as discussões sobre a Identidade são marcadas pela tensão entre duas perspectivas ideológicas: a Essencialista e a Não Essencialista. A primeira configura a identidade como um processo estático de concepção da identidade que leva em consideração uma essência do ser, uma autenticidade compartilhada por todos que fazem parte do grupo social em questão.

[...] A perspectiva essencialista se estabelece a partir da argumentação sobre um processo estático de identidade, trazendo à tona elementos cristalizados, originais, essenciais e autênticos, a serem compartilhados por todos os membros de um grupo identitário.[...]

(MENEZES, 2014, p. 70)

Já a perspectiva não essencialista considera o processo identitário um processo mutante, irregular e inconstante. Por esta condição, pode-se concluir que esse processo recria constantemente símbolos sociais e, por conseguinte, significados sobre estes.

[...]a perspectiva não essencialista analisa o processo de identificação como um evento dinâmico, sujeito a transformações constantes, destacando a identidade como uma construção social mutável. A representação, através das práticas de significação e os sistemas simbólicos pelos quais os significados são produzidos, constantemente cria e recria posições sociais dos sujeitos.[...]

(MENEZES, 2014, p. 70)

No referido artigo, tomamos como base a segunda vertente analítica sobre os processos identitários, considerando dois autores principais: Woodward em *Identidade e Diferenças* (2003) e Bauman em *Identidade* (2004).

Para Woodward, a construção das identidades de um determinado grupo se dá por vias simbólicas que interferem no social, isto é, o processo acontece por intermédio de significados atribuídos a símbolos nos quais interferem nas dinâmicas sociais desse grupo, configurando e reconfigurando práticas, comportamentos, ideologias e demais fenômenos conforme a solidificação de novos símbolos.

Toda prática social é simbolicamente marcada. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos nos quais são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido as nossas próprias posições.

(WOODWARD, 2003, P. 21)

Ao analisar a perspectiva de Bauman, observa-se uma concordância de perspectivas quando este afirma que o processo identitário é uma eterna busca, pois a Pós-Modernidade é fragmentada e os indivíduos presentes nesse tempo-espaço estão cercados por tais, e utilizam deles para formar sua identidade. Frisando que esta “colagem” de fragmentos é bagunçada, frágil e desordenada.

No caso da identidade [...] o trabalho total é direcionado para os meios. Não se começa pela imagem final, mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens (quantas?) agradáveis. Você está experimentando com o que tem. Seu problema não é o que você precisa para “chegar lá”, ao ponto que pretende alcançar, mas quais são os pontos que podem ser alcançados com os recursos que você já possui, e quais deles mere-

cem esforço para serem alcançados.

(BAUMAN, 2004, p. 55)

Com isso, podemos inferir que o processo de identidade não essencialista põe o indivíduo como agente ativo nesse processo. Coletando símbolos, ou fragmentos de identidade, configurando sua identidade pessoal e por consequência as identidades coletivas.

Importante frisar que a participação do indivíduo no processo não essencialista não significa a ausência de identidades coletivas. Muito pelo contrário. Questões culturais, de comportamento e históricas interferem em vivências e dores comuns a esses grupos sociais, o que faz com que estes tenham pontos de conexão e os levem a se identificar por símbolos ou fragmentos em comum, gerando uma (em parte) unidade identitária de um grupo.

A Identidade Negra.

Considerando a história, a cultura e o comportamento social como fatores determinantes dos processos identitários, podemos inferir que construções sociais, estereótipos e fobias intrínsecas às sociedades ocidentais criaram e perpetuaram marcas perceptíveis até hoje na identidade de diversos grupos. Fazendo recorte Racial e Ocidental, nota-se como a Identidade Negra é frágil quando comparada com a Identidade Branca.

Para Fernandes e Souza (2016) isso se dá graças as representações eurocêntricas que foram postas num local privilegiado e ideal em detrimento a identidade do Povo Negro.

Na sociedade brasileira, assim como em outras, as representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros. Essas representações foram construídas mediante a óptica eurocêntrica, que institui sentidos de “normalidade” e “anormalidade”, estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual, cristão.

(FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 104)

Este mesmo princípio se aplica também a outras características que possam fazer parte da interseccionalidade de um grupo, como gênero, biotipo, sexualidade, classe, localidade geográfica, entre outras.

A Hetero-cis-branco-normatividade identitária, além de invisibilizar a comunidade negra, a hegemoniza com estereótipos pejorativos e desconsidera a complexidade da comunidade, sua diversidade, história e individualidade.

A categorização do negro é uma tentativa de aprisioná-lo a uma alteridade forjada, a um lugar social que lhe impõe características de desacreditado. Ou seja, na relação social, a “marca” que lhe é impingida faz recair sobre ele um olhar de descrédito que impede que ele possa ser percebido pela totalidade de seus atributos e de forma individual.

(FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 108)

Estas discussões também convergem com o estudo elaborado por Neusa Santos Sousa, pesquisadora dos aspectos negritude e psicologia, em “Tornar-se Negro” (1983). Para ela, a estruturalização do sujeito psíquico é dada pelo Ideal de Ego. Através dele o indivíduo se conecta culturalmente com a sociedade, possibilitando todos os outros processos do ser. “O Ideal de Ego é a estrutura mediante a qual “se produz conexão da normatividade libidinal com a cultural”” (SOUSA, 1983 p. 33 apud HORNSTEIN, 1973 p. 214.)

A formação desse Ideal de Ego é dada através de símbolos sociais que instauram normalidade, padrão e status. Ou seja, o nosso Ideal de Ego é branco-hetero-cis-normativo. A autora, ao realizar o recorte racial, explica que a formação da psique negra é fragilizada pela discrepância entre o Ideal de Ego - características socialmente vistas como belas, padronizadas, normais - e o Ego - características reais das pessoas. Isso gera infelicidade com o próprio corpo, baixa auto-estima e outras disfunções na formação do Negro.

O negro de quem estamos falando é aquele cujo Ideal de Ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido e endossa a luta para realizar esse modelo.

(SOUSA, 1983, p. 34)

No decorrer do estudo, a autora afirma, através de pesquisas que analisam Negros em processo de ascensão social (em vários níveis econômicos), que o processo de formação da psi-

que negra é renegada durante toda a construção do ser negro, mas que em algum ponto desse processo, toma-se consciência disso, e, de posse desta identidade antes renegada, vai assim, agregando-lhe novos significados e símbolos. Para Souza, “Ser negro, não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” (SOUSA, 1983, p 77)

O processo de autoaceitação denominado como “tornar-se Negro”, por Neusa Souza, também pode ser assimilado ao processo de auto atribuição de identidade, visto que um grupo pode coletivamente ressignificar símbolos sociais se auto afirmando através destes. Sendo assim, este processo de “[...] identidade auto atribuída (identidade negra), não se configura em “uma essência, mas um posicionamento”” (FERNANDES, 2016 apud HALL 1976, p. 70).

O Empoderamento Negro.

Com as teorias explanadas anteriormente, pode-se supor que o processo de identidade e formação psíquica do negro é fragilizada graças a características sociais que deterioram o negro como ser, e também como este grupo social utiliza a ressignificação de símbolos para se auto afirmar, se auto conhecer e assim conseguir dignidade e reconhecimento. É necessário conhecer a ferramenta de enfrentamento que possibilita todos esses ganhos: O Empoderamento Negro.

Tomamos aqui como referência principal Joice Berth em seu livro “O Empoderamento Negro” (2018). Nele a autora explana diversas contextualizações literárias sobre o empoderamento. Tomo como uma ótima definição sua interpretação sobre a visão de Barbada Bryant Solomon.

O Empoderamento como teoria está estritamente ligado ao trabalho social de desenvolvimento estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimizados pelos sistemas de opressão e visam principalmente a liberação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação, incluindo a emancipação intelectual.

(BERTH, 2018 p. 34)

A autora também pontua sobre como acontece o processo de empoderamento. Basicamente, o processo ocorre em dois níveis: o pessoal - que consiste na consciência crítica, no entendimento de opressões e na auto aceitação individual - e o coletivo - que consiste na solidificação das opressões individuais em grupo, dando força e voz ao grupo em questão. Basicamente uma estruturação que desemboca em desenvolvimento social.

É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que reconstroem e desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas.

(BERTH, 2018, p. 43)

É necessário frisar que esses dois processos são indissociáveis e retroalimentados, uma vez que a coletividade empoderada necessita de individualidades conscientes e que coletividades empoderadas influenciam e espalham ideias a outras pessoas que ainda não começaram o processo de formação da criticidade.

Como o Design Influencia o Empoderamento Negro.

Mediante a passagem em que Joice Berth faz sobre como fatores externos como políticas públicas, ONGS e economia influenciam os processos de empoderamento (BERTH, 2018 p. 57), infere-se que o design pode ser uma ferramenta facilitadora deste processo, visto o potencial de criar um ambiente que favorece a estas discussões, expondo ideais e comunicando posicionamentos. Mais especificamente neste projeto, utiliza-se a o design de moda e a linguagem visual como forma de comunicação que autoafirma características que são desvalorizadas pela branco-cis-hetero-normatividade.

A roupa que usamos pode transmitir mensagens das nossas intenções, das nossas ideologias, dos nossos desejos [...] pode revelar se estamos mais ligados ao passado ou ao presente; pode elucidar nossa origem ou as nossas vontades [...].

(BRAGA, 2008, p. 17)

Berth também dedica um capítulo às discussões sobre opressão estética. Sobre como o processo de dominação de grupos historicamente oprimidos está pautado na hierarquização de estéticas, criando assim, o que é aceito e o que não é aceito.

Portanto, fortalecer uma estética legitimamente negra, pode afetar o processo de empoderamento individual, que refletirá no processo de empoderamento coletivo.

[...] concluímos que não podemos confundir ou esvaziar o sentido político do fortalecimento da estética nos processos de empoderamento individual que afeta o coletivo. Bem como não podemos subestimar seu potencial político de apoio à reconstrução da imagem de sujeitos negros de qualquer idade em qualquer tempo

(BERT, 2018, P. 102)

1.2 - SEXUALIDADE, UMA PERSPECTIVA VIADA

Viadagem: as Gays, as Pocs e as Bixas (bichas).

Viadagem é um termo, usado pelo autor, para designar comportamentos afeminados por parte de homens homossexuais. Comportamentos estes, que, durante toda a história das sociedades ocidentais foram ridicularizados, oprimidos e repudiados. Viadagem é o antônimo de Heteronormatividade.

A Heteronormatividade é o padrão de sexualidade ocidental que dá significado a dinâmicas sociais que englobam comportamento, linguagem verbal, vestimenta, e outros. É a responsável por designar o que é coisa de menino e coisa de menina, fomentando diferenças binárias que dão sentido a genitália de cada pessoa.

O termo heteronormatividade, cunhado em 1991 por Michael Warner, é então compreendido e problematizado como um padrão de sexualidade que regula o modo como as sociedades ocidentais estão organizadas. Trata-se, portanto, de um significado que exerce o poder de ratificar, na cultura, a compreensão de que a norma e o normal são as relações existentes entre pessoas de sexos diferentes.

(MEYER; PETRY, 2011, p. 196)

A Heteronormatividade articula-se com outro conceito, a Masculinidade. Esta, por sua vez, é incubida por designar significados àqueles que, eventualmente, nascem com um pênis. Desde a cor azul, passando pelo futebol e desembocando em dinâmica de opressões (machismo) e na sexualidade: a heterossexual.

Ao contrário do que se pode presumir por esse breve resumo, homens homossexuais também reproduzem comportamentos e estereótipos hetero-cis-normativos. Isso implica num outro sistema de hierarquia que inferioriza e marginaliza a “poczi-nha afeminada”. Através do estudo de Diogo Santos (2017) - no qual analisa-se perfis de redes sociais de geolocalização no Rio de Janeiro - tem-se um exemplo (micro) de como a heteronormatividade afeta essas novas dinâmicas de hierarquização que inferioriza homens afeminados.

Inúmeros usuários de aplicativos como o Grindr e o Scruff – alguns dos mais utilizados por homens buscando relações afetivas e sexuais com outros homens no Brasil – parecem reproduzir estereótipos e valores vinculados à masculinidade hegemônica, um padrão de práticas culturalmente específicas que possibilitou a legitimação ideológica da subordinação feminina e a permanência da dominação masculina (CONNELL, 1993, p.603; CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2005, p.832- 833). Por se colocar como uma forma culturalmente idealizada, ela se diferencia interna e hierarquicamente de outras masculinidades e se sustenta socialmente pela heterossexualidade e pela homofobia (DONALDSON, 1993). Curiosamente, tanto homens heterossexuais como homossexuais parecem exaltar aspectos da masculinidade hegemônica, que os permitem diferenciar-se do modelo de homem homossexual “afeminado” ao assumirem e cultuarem o estereótipo de um homem másculo e viril..

(JESUS, 2017, p.64)

Sendo assim, infere-se que a Bixa (bicha), poc, afetada está numa interseccionalidade de opressões. Ela é rejeitada pela heterossexualidade e também pelos homossexuais que tentam se adaptar a normas tóxicas. “A bicha, atacada pela norma cis heterossexual, também é esculachada pela norma homossexu-

al “ (OLIVEIRA, 2017 p 105)

Para Megg Rayara Gomes Oliveira, essa reprodução da heteronormatividade por homossexuais traz uma diferença entre “Gays” e “Bichas”. Principalmente relacionadas ao fator social, de ruptura de estereótipos e de avanços sociais. “Gay e bicha são categorias diferentes. Expressam condutas diferentes. A bicha resiste. O gay se ajusta.” (OLIVEIRA, 2017, p. 105)

A Interseccionalidade: Negro, Gay e Afeminado.

Até aqui, foi visto como a Masculinidade e a Heteronormatividade influenciam a comunidade G. Agora acrescentaremos mais um campo a esse complexo: a negritude.

Quando falamos sobre Masculinidade negra, além das características citadas acima sobre a Masculinidade hegemônica, acrescentamos outros aspectos relacionados a irracionalidade, a virilidade excessiva, ao forte poder sexual pautado no falo, a violência e a pobreza. Tais características entram em conflito com as definições de homossexual hegemônico, como Megg define bem na citação a seguir:

Se o estereótipo do homem negro viril e superdotado sexualmente é utilizado para afirmar sua cis heterossexualidade, também o é para negar sua homossexualidade. [...] a categoria negro ainda opera no imaginário da sociedade brasileira de maneira homogênea como sinônimo de pobreza, aversão ao trabalho, baixa escolaridade, criminalidade e “não faz parte nem do vocabulário erudito nem da boa linguagem. É um conceito cujo uso se atribui a pessoas ‘não refinadas’, aos que são discriminados pela fenotipia” (LIMA; CERQUEIRA, 2007, p. 5). o oposto das definições atribuídas ao homossexual “urbano, branco, jovem e integrado às relações de produção e trabalho estabelecidas pelo mundo branco, heterossexual hegemônico” (LIMA; CERQUEIRA, 2007, p. 7).

(OLIVEIRA, 2017, p. 92).

Agora, ao analisar o estereótipo do homossexual hegemônico, percebe-se uma imagem branca, requintada, urbana, racional e heteronormativa (como discorreremos acima).

Com isso, nota-se como o homossexual negro e afeminado é renegado por vários aspectos da sua interseccionalidade. Ora deslocado pelo sistema homossexual hegemônico - que representa em clubes, mídia e status sociais gays brancos que reproduzem comportamentos heteronormativos. Ora renegado pelo sistema de masculinidade negra, que é representado como heterossexual, viril e pobre.

Venho afirmando até aqui que a negritude se afirma a partir da heterossexualidade hegemônica e a homossexualidade a partir da branquidade, o que contribui para a manutenção de uma masculinidade hegemônica branca e cis heterossexual.

(OLIVEIRA, 2017, p. 94)

Conclui-se então que a existência do homem homossexual negro afeminado é um paradoxo, pautado num sistema de opressão complexo, visto que sua sexualidade é reprimida pelo que se espera dele como homem negro, assim como seu comportamento, e sua etnia são reprimidas por aquilo que se espera dele como homossexual.

Essa masculinidade se utiliza da branquidade e da cis heterossexualidade para garantir uma supremacia incontestada de raça e de gênero que opera

no sentido de silenciar as masculinidades periféricas. Assim, assegura a manutenção de uma estrutura patriarcal que reproduz visões do regime escravista.

(OLIVEIRA, 2017, p. 94)

Sou Bixa! Um grito de (r)existência.

Analisando o panorama exposto anteriormente, vê-se necessário explanar brevemente o papel da Bixa (bicha) como disruptora de normas sociais e sistema de opressões que atingem-as desde a infância.

Bixas (bichas) se deparam com esse termo, utilizado com intuito de ofensa, antes mesmo de entender do que se trata tal

Antes mesmo de adquirirmos consciência do potencial repressivo que esse termo tenta impor, ele é lançado como um torpedo que tenta um aniquilamento. Um grito que ecoa do outro lado da rua ou no pátio da escola, um desenho tosco na parede de um banheiro público, uma pregação religiosa: Bicha!

(OLIVEIRA, 2017, p. 98)

palavra, sabe-se apenas que ela não é uma palavra boa.

Tais sistemas de opressão marginalizam, desde cedo, bichas. Transformando o processo de desenvolvimento infantil um verdadeiro inferno (e como já vimos nesse referido artigo, isso se torna 2 vezes pior quando percebemos que o processo de desenvolvimento quanto a etnia também é pautada em defasagem e sofrimento), o que coloca esses seres à margem de pessoas “normais”.

Quando a bicha é identificada, via de regra, é comprimida entre uma multiplicidade de sujeitos que a invisibiliza e silencia: “Não que a bicha desapareça por completo, mas ela é sistematicamente atacada, por meio de variadas estratégias, tendo em vista sua eliminação cultural” (ZAMBONI, 2016, p. 17).

(OLIVEIRA, 2017, p. 100)

Manter-se bixa (bicha) é ser revolucionário, é dizer a hetero-cis-normatividade que existem outras formas de ser, de agir, de viver. Se apropriar dessa identidade renegada promove autoconfiança, autoconhecimento e poder social de dizer “Sou bixa sim, e daí?”. (R)existir como bixa (bicha) é viver “no meio de um fogo cruzado entre cis heterossexuais e gays higienizados, a bicha se contorce para afirmar uma existência que não é nenhuma coisa nem outra.” (OLIVEIRA, 2017, p. 106). É se emancipar enquanto sujeito, é se resignificar.

1.3 - A ESTÉTICA MARGINAL

A Estética Marginal, no contexto deste estudo, diz respeito às linguagens visuais e artísticas produzidas pela periferia da cidade de São Paulo. Serão percorridos, mais precisamente, três linguagens: O Pixo, O Tijolo Exposto e o Lambe.

Os símbolos explanados a seguir serão utilizados dentro do projeto, a fim de representar fidedignamente a periferia de São Paulo, ressignificando o status marginalizado e trazendo muita viadagem.

Pixo.

A Pixação ou, chamado popularmente por aqueles que o fazem, pixo, é uma linguagem artística marginal pautada na marcação gráfica de um ambiente ou objeto que se encontram em locais de grande movimentação, como fachada de prédios, porta de banheiros, muros, portões, bancos de transporte público, entre outros. É produzida majoritariamente por jovens periféricos que enxergam no pixo uma forma de expressão válida e potente.

A pixação é uma prática marginal, integrada à cultura hip hop como manifestação da juventude pobre dos guetos, mas tem origem e existência independente de movimentos políticos ou culturais. A pixação, historicamente, é uma manifestação adotada por diversas correntes políticas e culturais, como estratégia e tática de comunicação anônima.

(PAIXÃO, 2011 p. 83)

Existem três modalidades básicas de pixo em São Paulo: (1) a de muro, que consiste na pixação de muros, sejam eles baixos ou não. (2) A de Janela, que é definida por pixações próximas a áreas de janela de casas ou prédios pequenos e a (3) Escalada de Prédios, pautada na pixação no topo (ou no meio) de prédios altos. (PIXO, 2009, 7:07 - 7:25min)

Essa expressão, ainda muito polêmica, é considerada ilegal, sendo classificada como vandalismo pelo fato de alterar o estado de um patrimônio, seja ele público ou particular. Ao mesmo tempo, é considerada arte. E o Pixo brasileiro é extremamente único, fazendo-o ocupar cada vez mais galerias de arte por todo mundo.

Assim como sotaques, costumes, comidas e afins, o pixo também tem suas características regionais no Brasil, tanto pela dinâmica da pixação, quanto pelas características visuais da grafia do pixo.

Por exemplo, o status mor do pixo em São Paulo está diretamente relacionado à altura em que qual ele é realizado (vide imagem abaixo). E quando falamos de características visuais percebemos que a tag - tipo mais popular de pixo, que apresenta letras mais orgânicas e curvadas - está mais relacionada



a pixações de pequena escala, no geral feitas com pincéis atômicos, canetas permanentes e giz de cera. Já as pixações de grande escala (também como na foto ao lado), apresentam um traço extremamente específico da cidade de São Paulo: Hastes bastonadas, retas e verticalizadas.

Neste projeto, o principal objeto de estudo é a bixa preta afinada marginalizada e, a utilização de uma linguagem que também é tão marginalizada quanto, pode ser uma ótima ferramenta de comunicação autoafirmativa, que exalta as características dessas pessoas. Assim nasce a Tag Bixa, que será explanada com mais profundidade no tópico “Assim nasce a bixa (a marca)”.

IMAGEM 1: Ponte Estajada Pixada, São Paulo 2016. Créditos: Daniel Teixeira / Estadão

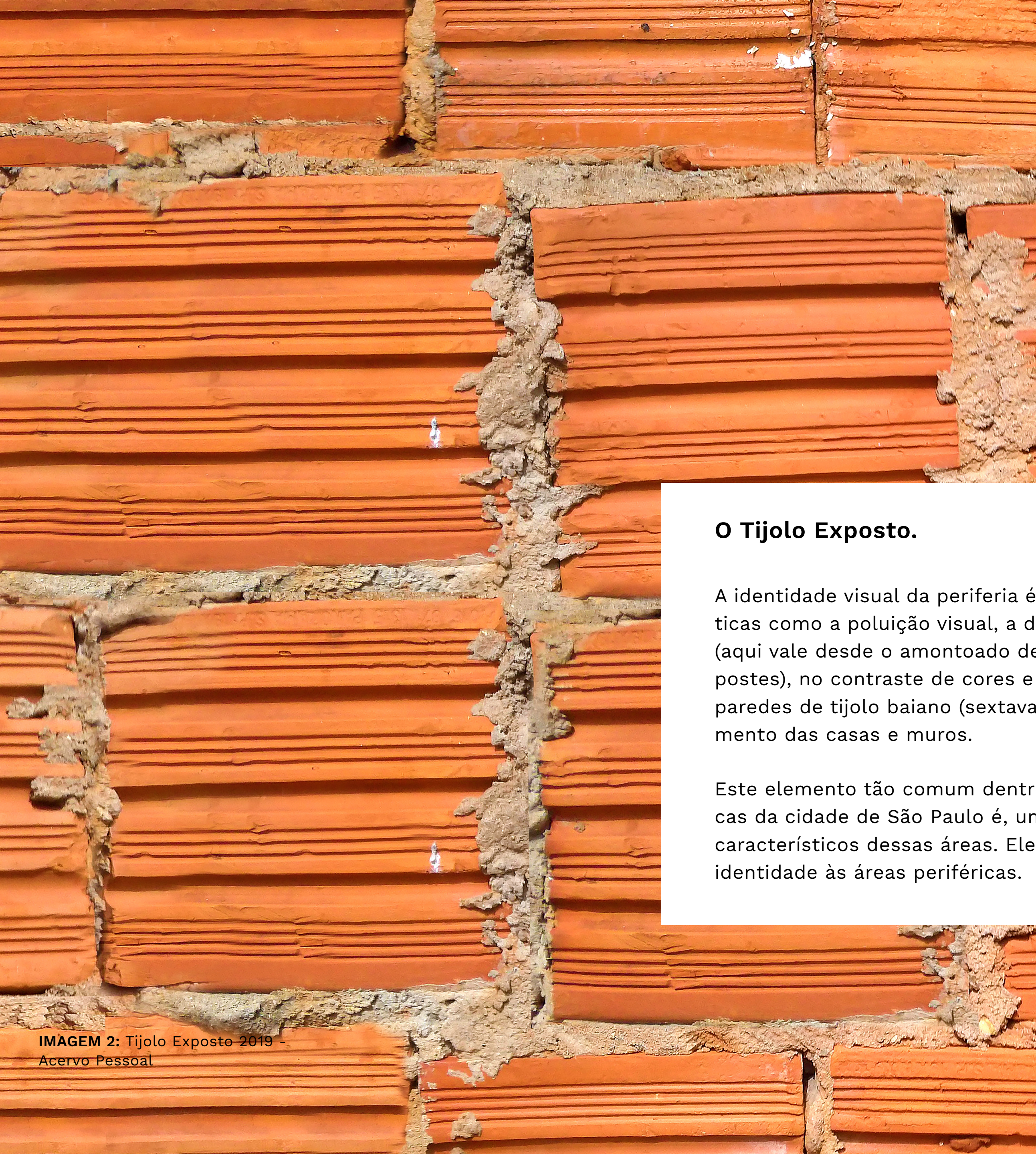


IMAGEM 2: Tijolo Exposto 2019 -
Acervo Pessoal

O Tijolo Exposto.

A identidade visual da periferia é clara. Apresenta características como a poluição visual, a desorganização de elementos (aqui vale desde o amontoado de casas, até os “gatos” nos postes), no contraste de cores e principalmente, pautada nas paredes de tijolo baiano (sextavado) sem reboco ou acabamento das casas e muros.

Este elemento tão comum dentro das favelas e áreas periféricas da cidade de São Paulo é, um dos elementos visuais mais característicos dessas áreas. Ele dá a originalidade, e traz identidade às áreas periféricas.



IMAGEM 3: Guilherme Cavalcante
2019 - Reprodução Instagram



IMAGEM 4: Favela Tijolo - Kutura
De Kebrada 2018 - Reprodução
Instagram



IMAGEM 5: Lambe Banda Djavú - Lámbe-Lámbe - Propaganda e Decoração 2012 - Reprodução Facebook



IMAGEM 7: Lambe 2012 - Hard Mob Fórum

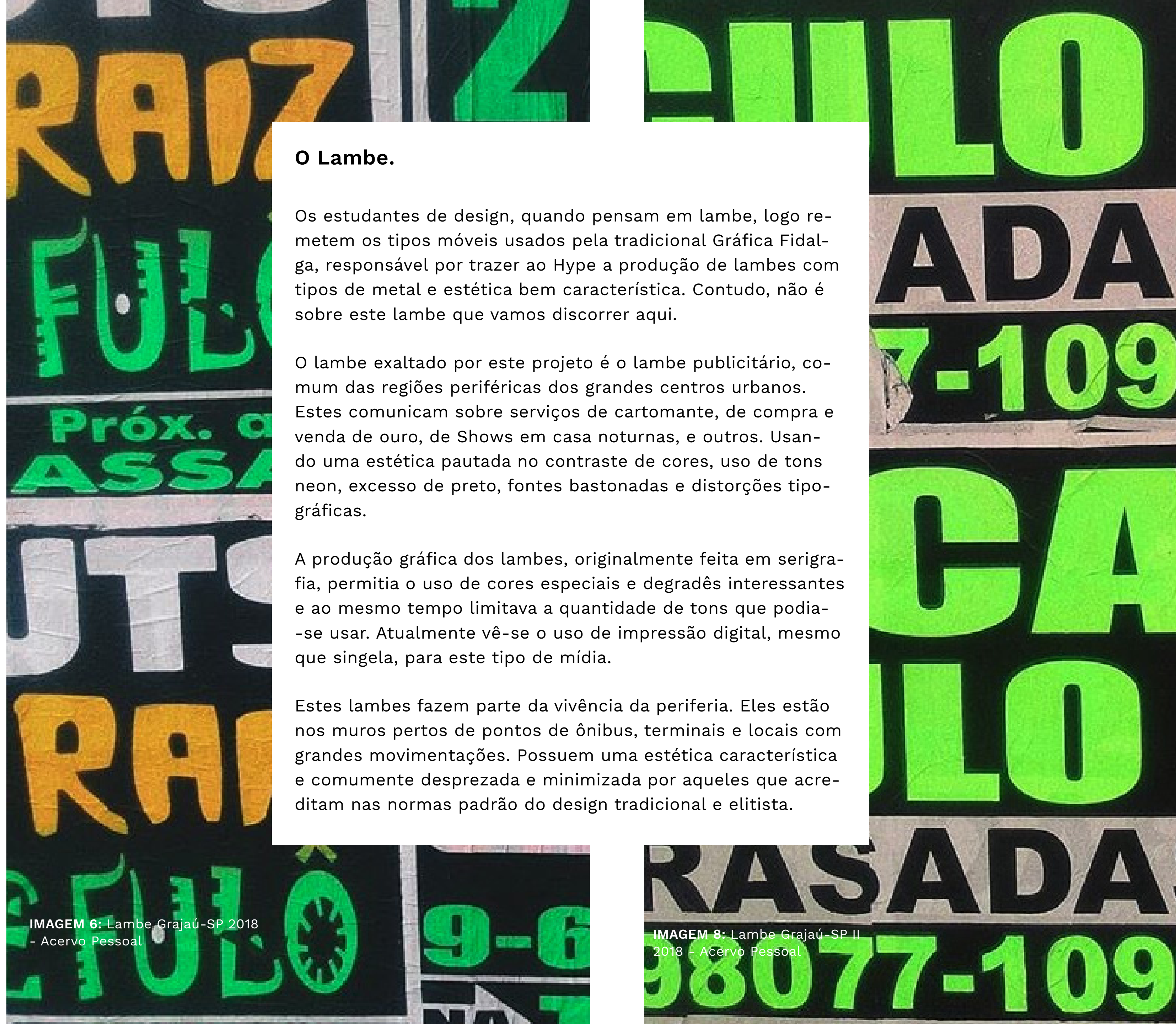


IMAGEM 6: Lambe Grajaú-SP 2018 - Acervo Pessoal

IMAGEM 8: Lambe Grajaú-SP II 2018 - Acervo Pessoal

O Lambe.

Os estudantes de design, quando pensam em lambe, logo remetem os tipos móveis usados pela tradicional Gráfica Fidalga, responsável por trazer ao Hype a produção de lambes com tipos de metal e estética bem característica. Contudo, não é sobre este lambe que vamos discorrer aqui.

O lambe exaltado por este projeto é o lambe publicitário, comum das regiões periféricas dos grandes centros urbanos. Estes comunicam sobre serviços de cartomante, de compra e venda de ouro, de Shows em casa noturnas, e outros. Usando uma estética pautada no contraste de cores, uso de tons neon, excesso de preto, fontes bastonadas e distorções tipográficas.

A produção gráfica dos lambes, originalmente feita em serigrafia, permitia o uso de cores especiais e degradês interessantes e ao mesmo tempo limitava a quantidade de tons que podia-se usar. Atualmente vê-se o uso de impressão digital, mesmo que singela, para este tipo de mídia.

Estes lambes fazem parte da vivência da periferia. Eles estão nos muros pertos de pontos de ônibus, terminais e locais com grandes movimentações. Possuem uma estética característica e comumente desprezada e minimizada por aqueles que acreditam nas normas padrão do design tradicional e elitista.

1.4 - A MODA COMO MEIO DE DISCURSO.

A moda é uma linguagem, assim como o design, artes e outras. E assim como estas ela também é capaz de comunicar, de expressar e de levantar questionamentos e reflexões sobre o contexto na qual ela se encontra.

A moda não é simplesmente a criação egocêntrica de um estilista, ela é uma imagem exagerada ou incomum de ideias que refletem o contexto de uma época e outros aspectos como imagem, autoimagem, autoestima, política, padrões de beleza, inovações tecnológicas, moda de rua, tribos e a própria história.

(FIALKOWSKI; RIBEIRO, 2014 p.02)

Como explanado no capítulo sobre empoderamento, serão utilizados os potenciais da área como forma de fomentar as discussões sobre a interseccionalidade Homossexual-negro-afeminando. E além disso, usaremos o discurso visual como forma de ocupação de espaços.

Durante toda as etapas projetuais desenvolvidas a seguir, têm-se esta preocupação. Os símbolos e atributos visuais levantados têm características fortes para que não passem despercebidas e assim potencializem ainda mais aqueles que a usem.

EXPO 22

PRODUÇÃO

26 - PROCESSO CRIATIVO

31 - MODELAGEM 3D

45 - PRODUÇÃO DAS PEÇAS PILOTO

48 - PRODUÇÃO DAS PEÇAS FINAIS



Após a exposição do referencial teórico, dá-se início à fase projetual, que compreende a descrição da produção das peças num caminho metodológico.

Escolheu-se como base metodológica os estudos de Mike Baxter sobre metodologia de projeto de produto (BAXTER, 2011), pois ela apresenta esquematizações básicas que abrem espaço para adaptações necessárias.

O esquema a seguir foi elaborado a fim de mostrar o contexto geral sobre as etapas metodológicas adotadas neste estudo.



PRODUÇÃO ACESSÓRIOS

6 7 8 9 10 11 12

PEÇAS PILOTO

AJUSTES

**FINALIZAÇÃO ESTAMPAS
DIGITAIS + PRODUÇÃO**

**ESTAMPAGEM
ARTESANAL TECIDO
PIXO**

**COSTURA PEÇAS
FINAIS**

FOTOGRAFIA

**ELABORAÇÃO
RELATÓRIO**

PEÇAS FINAIS

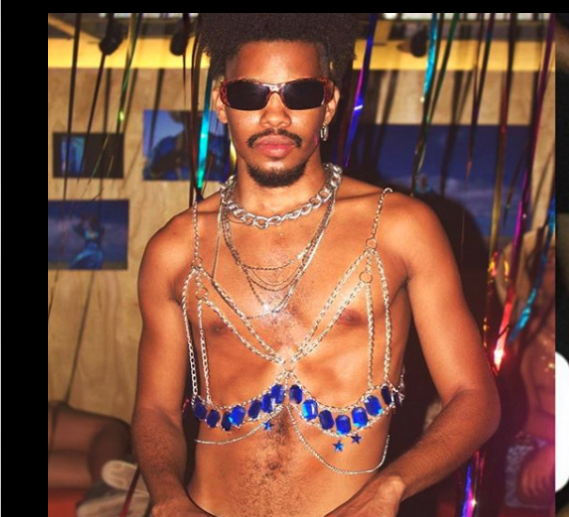
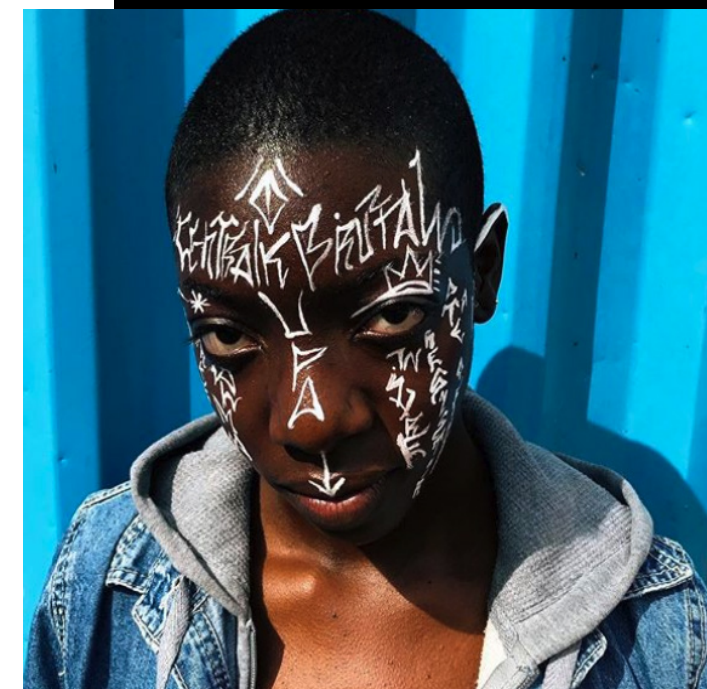
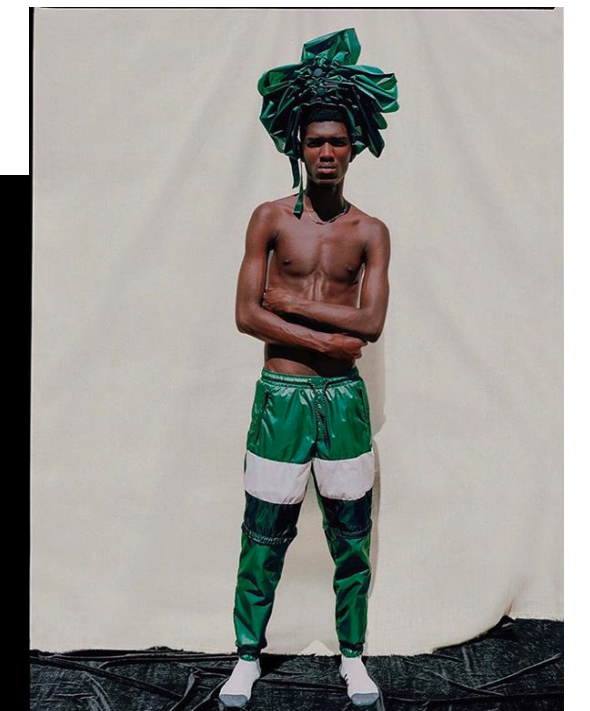
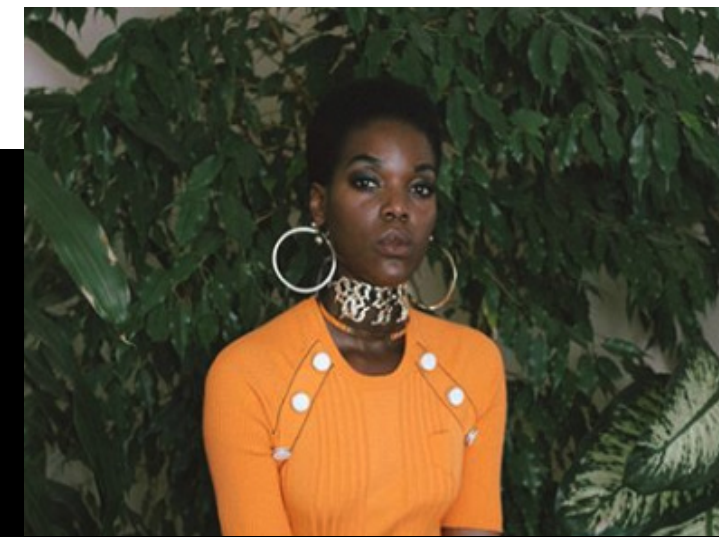
2.1 - PROCESSO CRIATIVO

Pesquisa de Referências

No início do projeto, optou-se por dedicar tempo ao processo de pesquisa de referências, a fim de gerar insights sobre decisões projetuais. Desde o início do projeto, sabia-se que o Street Wear seria o estilo a ser adotado, por ele ter surgido das ruas, do popular, da marginalidade.

Com isso, definiu-se algumas características que se pretendia trabalhar no projeto: Peças infladas/preenchidas, shorts curtos, contraste entre o apertado e o largo (over sized vs skinny), moletom, meião (*ui, chavoso, meia na canela*), patchwork, a dicotomia masculino-feminino, a polaridade brilhoso vs opaco e o dourado

Após a eleição dos direcionamentos estéticos estabelecidos (pixo, lambe e tijolo) e tendo como norte a pesquisa de referências realizada, elaborou-se 3 painéis semânticos imagéticos para dar maior consistência às ideias exploradas por essa etapa do projeto.





PAINEL SEMÂNTICO 1: Pixo, 2018, Acervo pessoal



PAINEL SEMÂNTICO 2: Lambe, 2018, acervo pessoal



PAINEL SEMÂNTICO 3: Tijolo, 2018, acervo pessoal

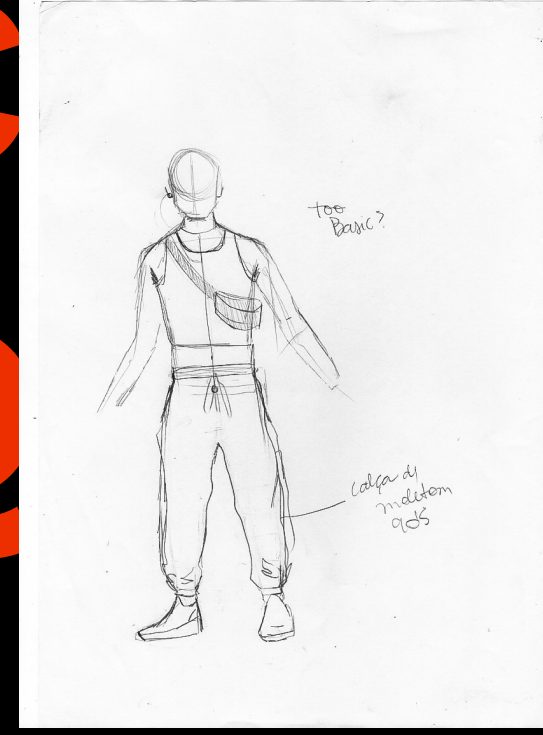
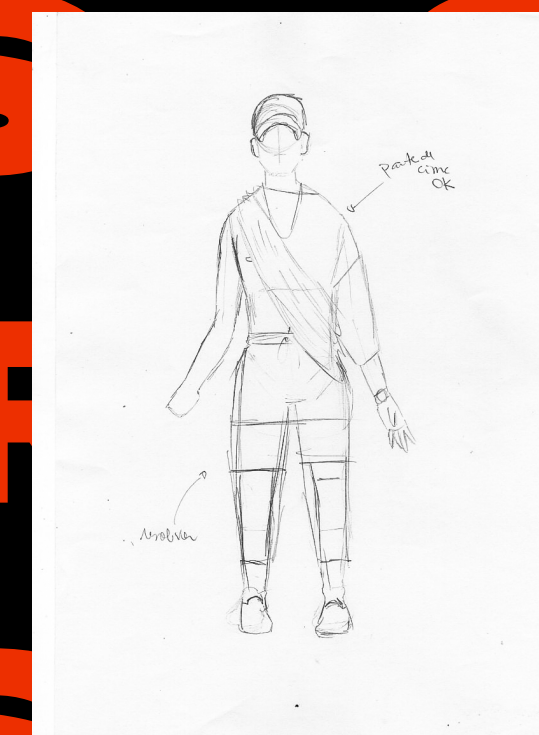
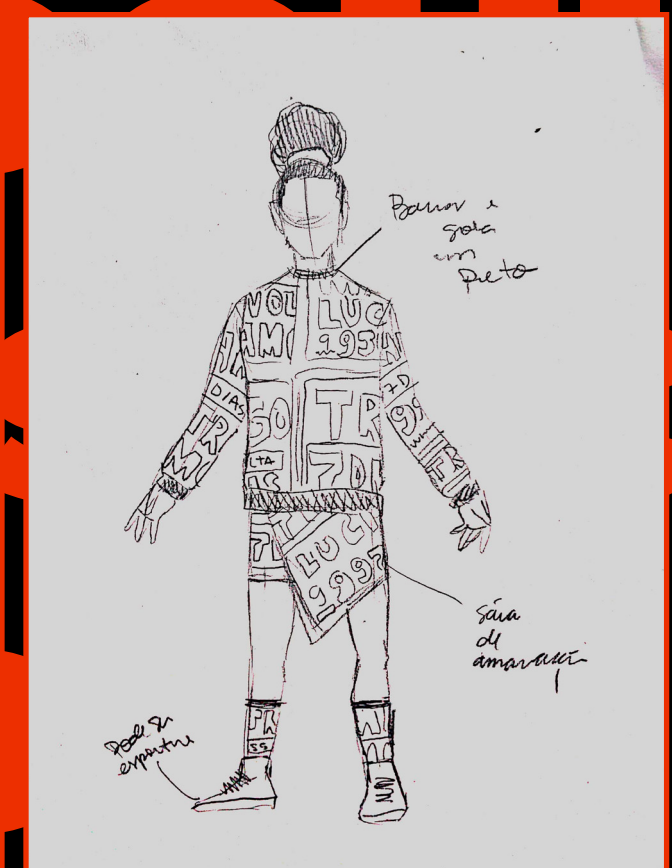
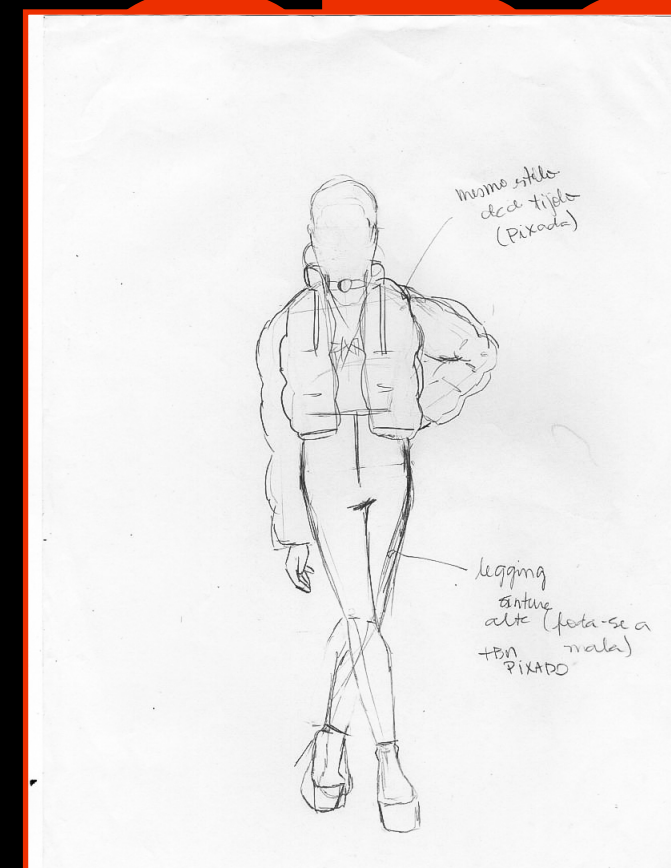
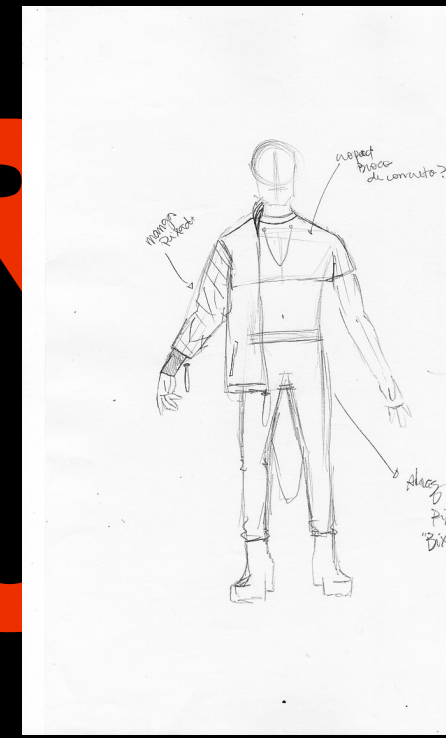
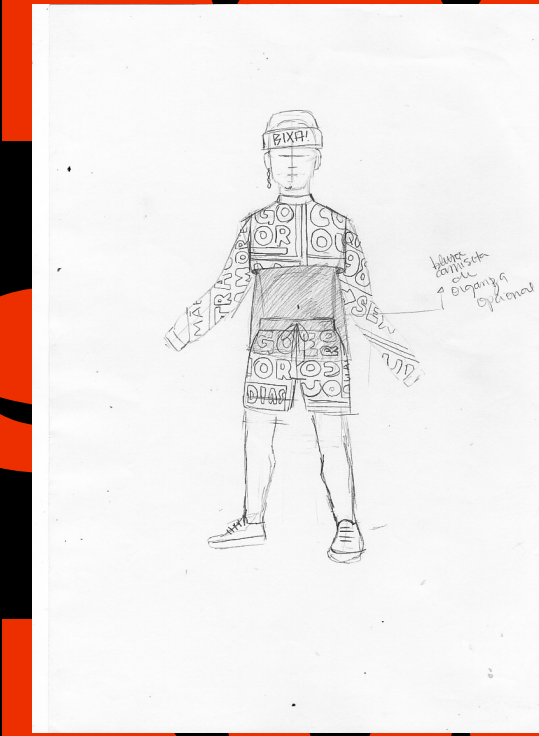
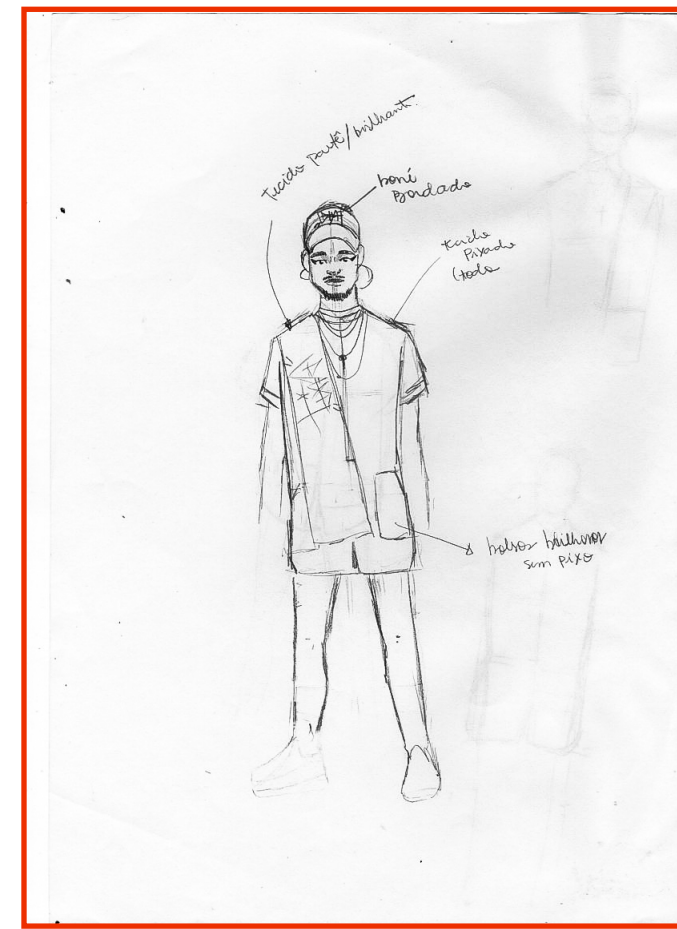
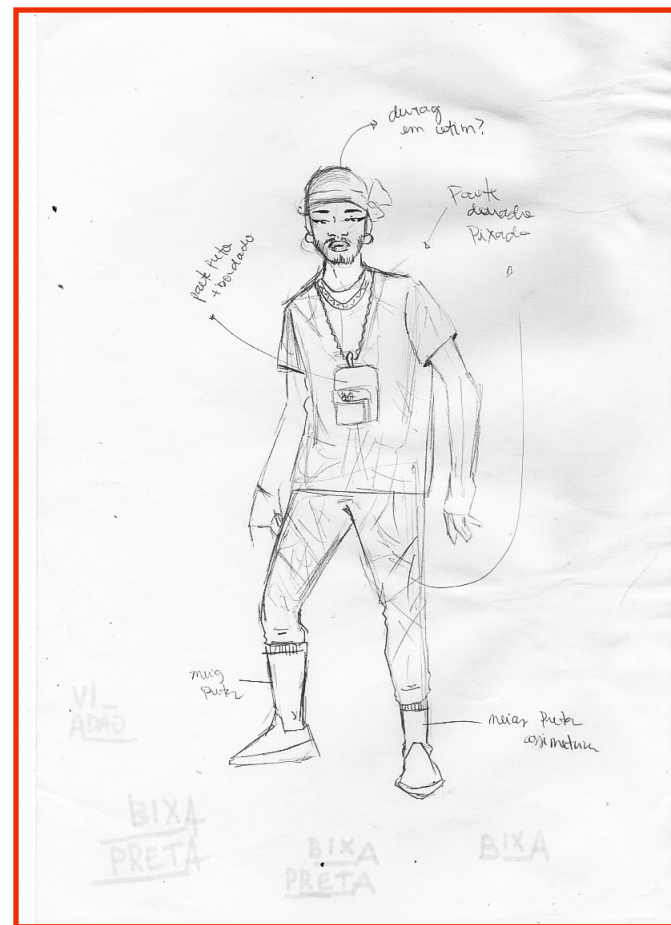
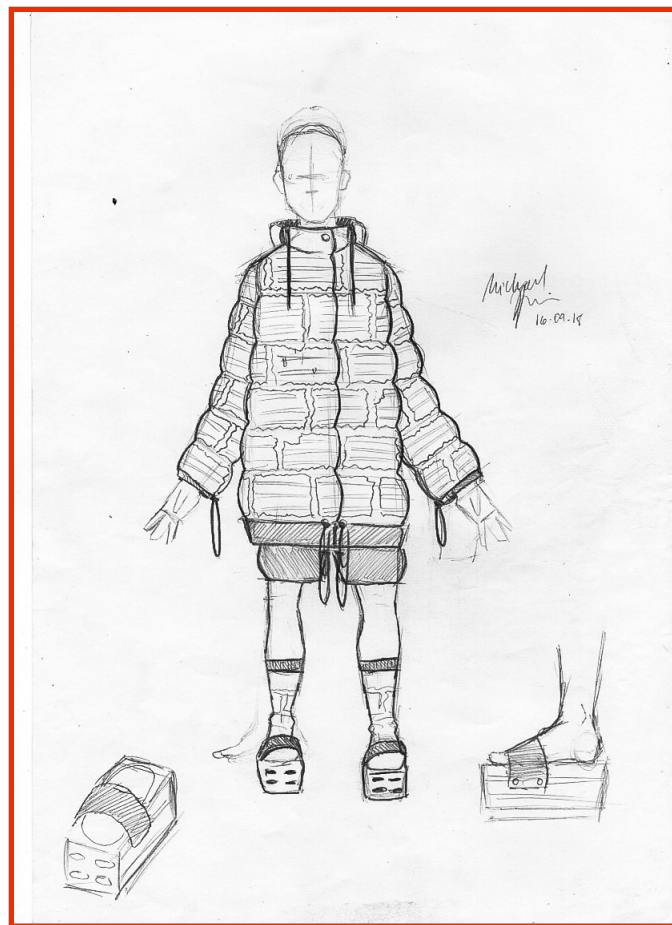
Croquis

Para fins de organização metodológica, o processo de rascunho/croquis está disposto em separado do processo de procura de referências, contudo, estes processos aconteceram simultaneamente.

Foram produzidos vinte e dois croquis que geraram os doze looks propostos neste projeto, que trabalham as características levantadas anteriormente com o objetivo de produzir composições harmônicas do ponto de vista estético e que ainda sim tivessem potencial mercadológico, pois entende-se que a eficácia do uso dessas roupas se prova a priori pelo interesse do público a respeito delas.

Durante o processo, pouco se atentou à técnica de desenho, às cores ou a detalhes. A principal comprovação dessa etapa é a composição visual e altura das peças.

Seguem todos os croquis feitos no projeto:



Assim nasce a Bixa (a marca)

Elencadas as características visuais que seriam base para o projeto, iniciou-se, paralelamente com a etapa de croquis, a produção da marca Bixa. A princípio, esta seria apenas a Tag utilizada no pixo, que estaria presente nas roupas projetadas, mas com o decorrer do projeto decidiu-se utilizá-la também como marca.

Dentre todos os tipos de pixo que vemos no Brasil, optou-se pela tag por dois motivos principais. O primeiro deles por conta da escala. O uso na estampa é de escala pequena, o emprego de outro gênero poderia dificultar ainda mais o processo de estampagem do tecido. O segundo motivo deriva da evidência de que a Tag é a categoria de pixo mais popular no país.

O processo começou manualmente. A palavra bixa foi riscada de diferentes formas até chegar a escolha de algumas versões que posteriormente foram vetorizadas. Segue imagens do processo artesanal e digital.



IMAGEM 9: Pixo Bixa, 2019 Acervo pessoal

Duas pessoas que têm experiência no pixo auxiliaram durante esse processo. A estrela inferior e o risco transversal foram retiradas e a versão 4 foi escalada como a final.

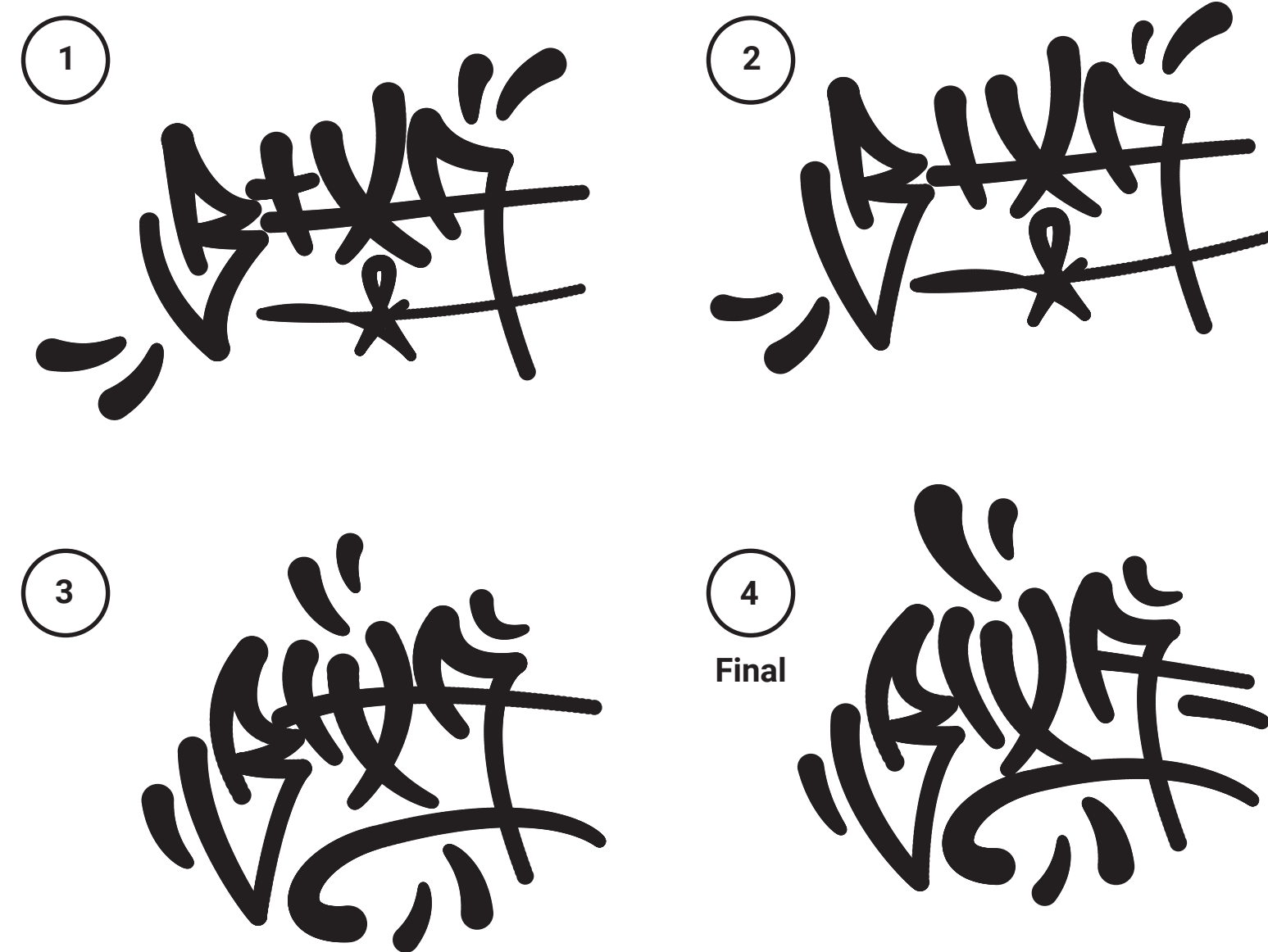


IMAGEM 10: Pixo Bixa versões, 2019, Acervo pessoal

Após esta escolha, o software de edição bitmap foi utilizado para acrescentar ruídos de tinta e textura para lhe conferir um aspecto mais realístico.

Assim nasce o Bixa, ou melhor, a marca Bixa!



IMAGEM 11: Pixo Bixa Final, 2019, Acervo pessoal

2.2 - MODELAGEM 3D

Com base nas observações e ajustes dos croquis, iniciou-se a etapa de modelagem 3D. Nesta etapa, o intuito era acrescentar mais detalhes às ideias elaboradas na etapa anterior, com a finalidade de constatar possíveis erros e de obter uma representação mais próxima aos resultados esperados.

Sendo assim, usou-se dois softwares: o Marvelous Designer para a modelagem das roupas, assim como materiais, peso, tramas e afins e o Keyshot para a renderização, aplicação de texturas, materiais e estampas.

Como estudante de design gráfico, o autor deste estudo pouco sabe sobre modelagem 3D de produtos e por isso mesmo esse processo não seria possível sem a ajuda de tutoriais sobre o programa. Canais como o do Travis Davids, (2019) foram exaustivamente consultados para que se obtesse o resultado desejado.

O Software Marvelous funciona com duas vistas, a 3d e a 2d, nas quais se trabalha simultaneamente. Na visão 2d se obtêm uma modelagem que se assemelha muito a modelagem plana utilizada usualmente na produção de moda e dela foi obtido o escopo das modelagens planas, como veremos a seguir.

Define-se então o tipo de tecido, que influencia na renderiza-

ção do caimento do tecido, a gramatura e acrescenta-se alguns detalhes como texturas, pespontos e outros.

Tendo realizado modelagens, foi necessário exportar os arquivos .obj para o KeyShot. Lá notou-se algumas incompatibilidades de conversão da extensão de arquivo que falharam na definição de texturas em alguns objetos, o que gerou o retrabalho de designar as texturas corretas aos referidos itens. Também foram acrescentadas nesta etapa as estampas produzidas virtualmente.

As três estampas foram produzidas com técnicas diferentes, assunto que será aprofundado em um capítulo específico denominado Estampagem dos Tecidos. Para este ponto do relato, basta a descrição da estampa Pixo. Com a tag bixa criada, fora elaborado um rapport a seu respeito, em diversos sentidos. Tal módulo foi importado para o software de renderização, onde foram aplicadas texturas e materiais à estampa e ao tecido. Segue o fluxograma de materiais e texturas:

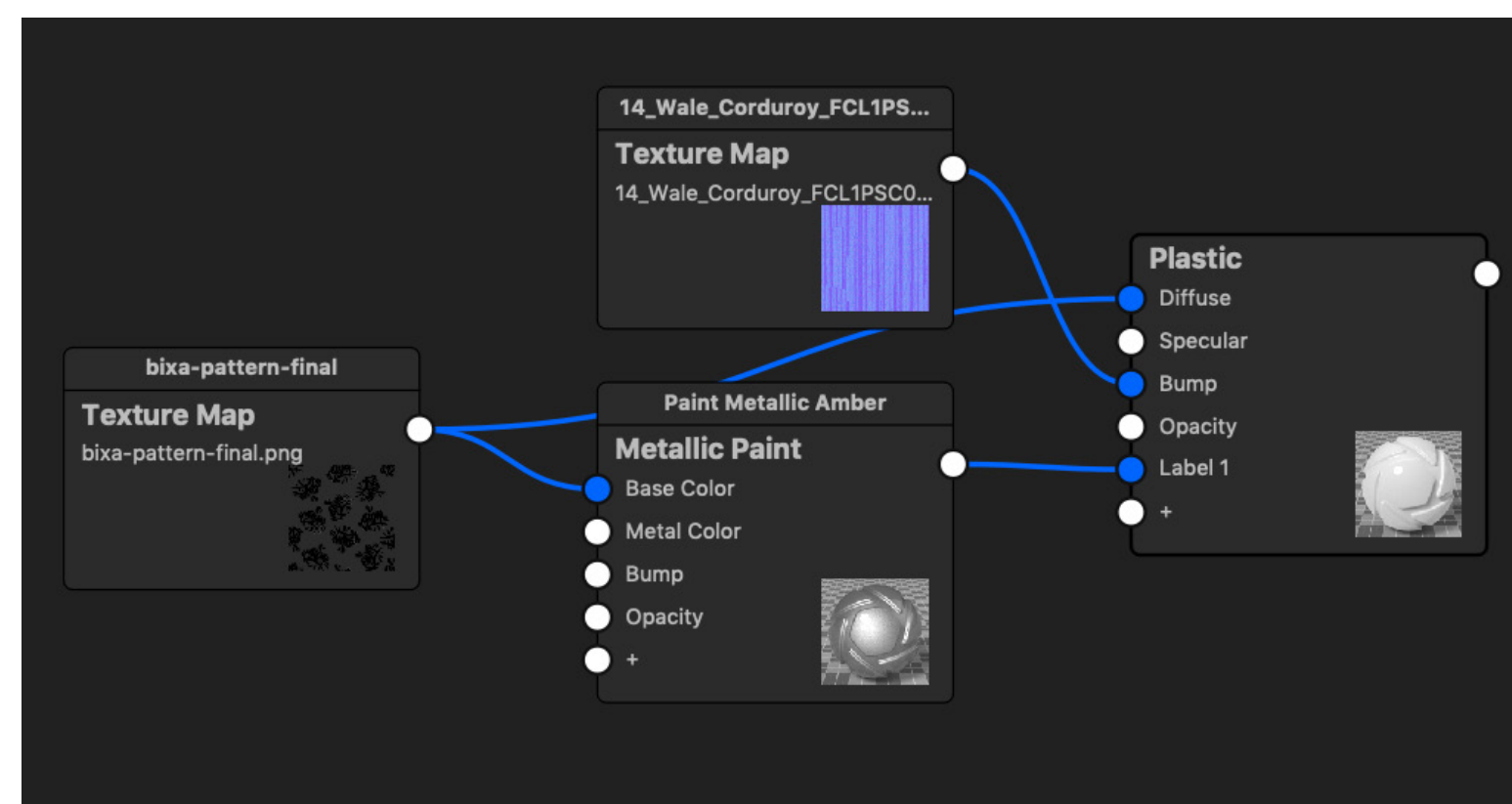


IMAGEM 12: Mapa de Material estampa Bixa, 2019, Acervo pessoal

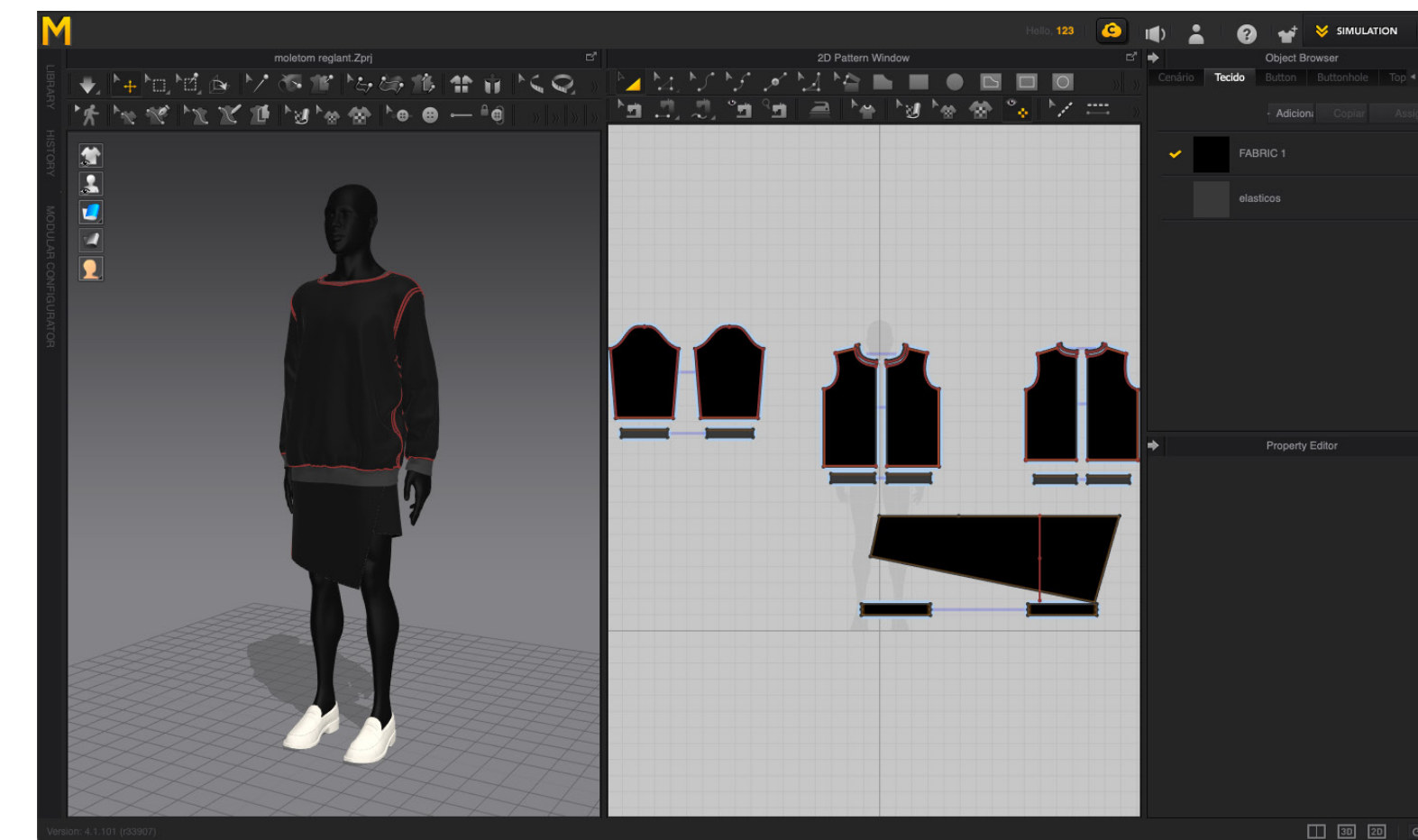


IMAGEM 13: Esquema de visões do Marvelous Designer, 2019, Acervo pessoal

As estampas tijolo e lambe, por apresentarem menor complexidade, foram apenas designadas aos tecidos com o acréscimo da textura da trama. Segue o resultado da renderização dos tecidos



IMAGEM 14: Renderização dos tecidos, 2019, Acervo pessoal

Com as texturas e modelagens prontas, designou-se os devidos materiais as peças, ajustou-se a iluminação, câmeras e efetuou-se os renders a seguir.

Salienta-se que os looks estão dispostos numa sequência ideal, a mesma que seria utilizada num desfile, pois entende-se que ela possui gradação de elementos que viabiliza linearidade entre as roupas

EIXO TIJOLO

POLO CROPPED





EIXO TIJOLO
CAMISÃO
SERÁ PROTOTIPADO



EIXO TIJOLO

**JAQUETÃO
INFLADO**

EIXO MIX TIJOLO + PIXO

MACACÃO BOLSETA





EIXO PIXO

**CONJUNTO
ASSIMÉTRICO**



EIXO PIXO

Jaqueta CROPPED INFLADA + CALÇA SKINNY

SERÁ PROTOTIPADO



EIXO PIXO

MACACÃO



EIXO MIX PIXO + LAMBE
LONG LOOK



EIXO LAMBE

SAIA INFLADA



EIXO MIX PIXO+LAMBE+TIJOLO

**CALÇA
MIXXTURADA**



2.3 - PRODUÇÃO DAS PEÇAS PILOTO

Esta etapa teve como propósito conferir se as pré modelagens retiradas da visão 2D do software de modelagem têxtil funcionariam na realidade. A fim de cumprir o propósito, utilizou-se a técnica de modelagem plana, com uso de esquadros, régulas, fitas métricas e afins.

Modelagem Plana das peças piloto

Antes de falar sobre a modelagem propriamente dita, é importante esclarecer que esta etapa foi realizada a partir das medidas do autor, para que se pudesse avaliar com mais rapidez os possíveis ajustes.

Não fora encontrada uma forma de exportar os desenhos da visão 2D do software de modelagem têxtil, sendo assim, foi necessário printar, ou imprimir esta tela para que em um software de ilustração vetorial fosse possível desenhá-las, fazer adaptações quanto aos tamanhos e as curvas. Tais desenhos vão ser utilizados na etapa final deste projeto, como será mostrado ainda neste estudo.

Com essa base de medidas virtual, o autor desenhou os moldes em papel do tipo craft e do tipo sulfite, recortou-os e prosseguiu com a próxima etapa projetual.

IMAGEM 15: Modelagem plana I, 2019, Acervo pessoal

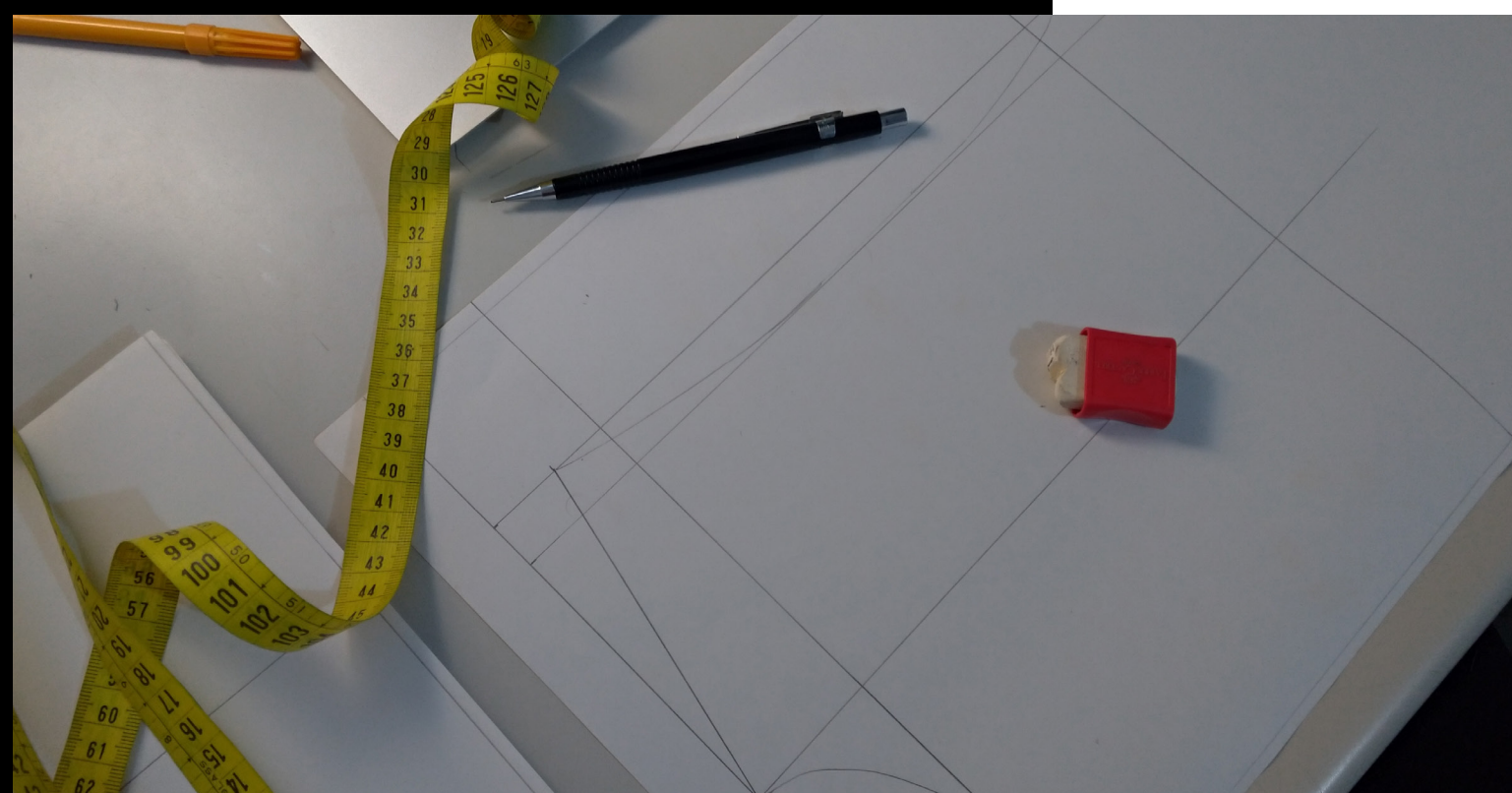
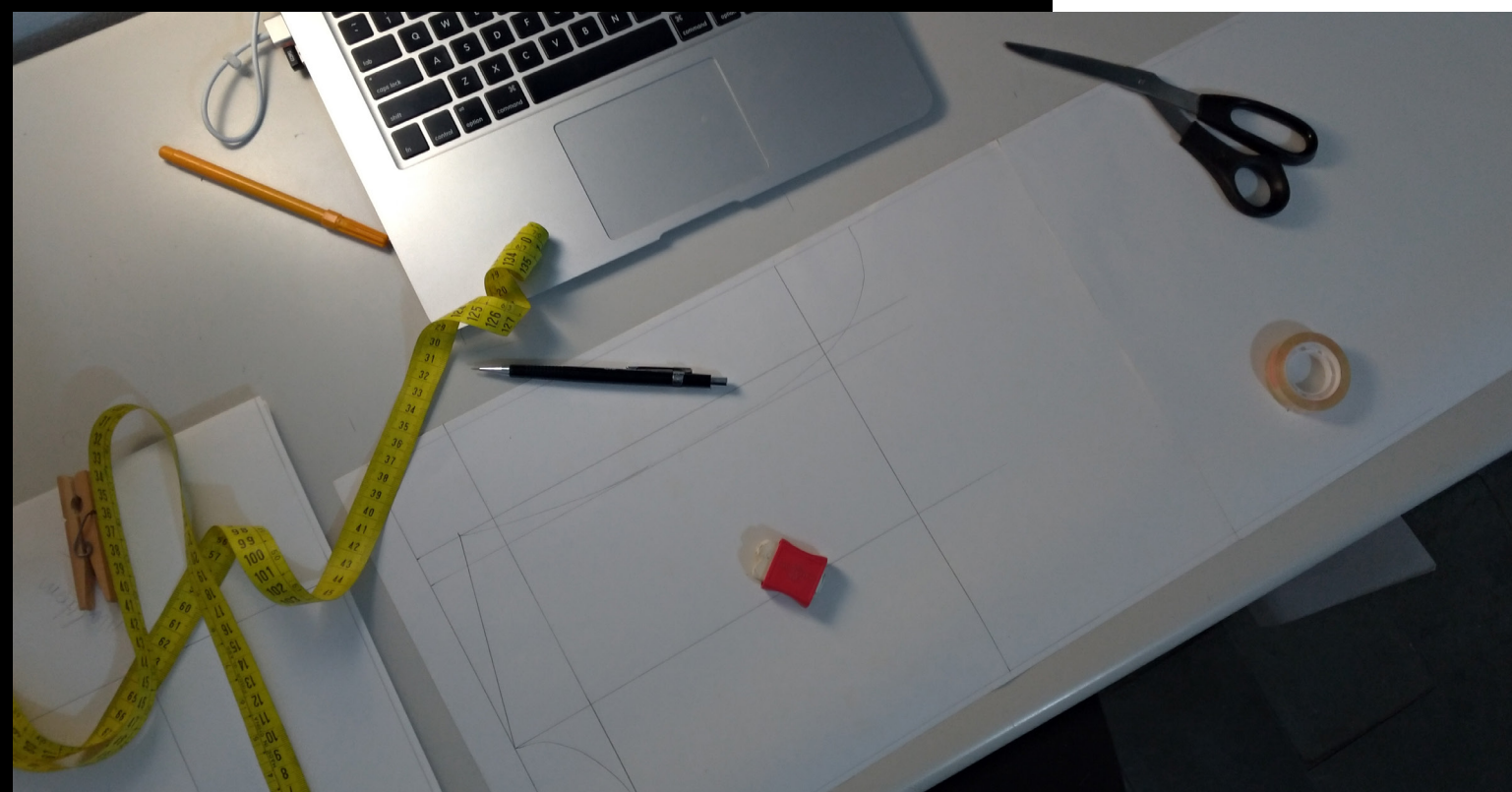


IMAGEM 16: Modelagem plana II, 2019, Acervo pessoal

Corte e Costura

Devido ao alto preço do tecido algodão cru, usualmente usado nesta fase do projeto de moda, foram escolhidas alternativas locais mais baratas. Foram utilizados os tecidos Two Way, Oxford, Tactel e Bember nas peças a seguir. Também foram utilizados aviamentos como zipper, elásticos e botões.

Para a riscagem das modelagens, seguiu-se as seguintes etapas: esticamento do tecido, fixação das modelagens com o auxílio de alfinetes, e só após foram desenhados os riscos com o uso giz de alfaiate, que foram dois: um rente a modelagem, para guiar a costura e outro com margem de 2cm para acabamentos e segurança, pois o oxford e o bember desfiam. Em alguns casos foi necessário dobrar o tecido para conseguir peças simétricas e assim, facilitar a etapa posterior.

IMAGEM 17: corte manga mole-
tom, 2019, Acervo pessoal



IMAGEM 18: corte busto mole-
tom, 2019, Acervo pessoal



IMAGEM 19: costura shorts tac-
tel, 2019, Acervo pessoal



As peças riscadas foram recortadas com uma tesoura exclusiva para esta ação. Sempre que possível, manteve-se as modelagens alfinetadas nas peças. Posteriormente as peças foram alfinetadas e costuradas. Para a produção das peças piloto, as modalidades de costura executadas foram a reta e a zigue-zague, a partir de uma máquina de costura modelo Singer 242.

Por serem etapas simples e de fácil busca na internet, não serão descritos maiores detalhes sobre as etapas de costura. No capítulo sobre costura das peças finais haverá maior exposição de detalhes sobre a confecção da Jaqueta inflada, bem como as etapas que foram adaptadas para sua produção em função da sua complexidade.



IMAGEM 20: corte shorts tactel,
2019, Acervo pessoal



IMAGEM 21: corte busto jaqueta
cropped inflada, 2019, Acervo pessoal



IMAGEM 22: busto jaqueta cropped in-
flada costurado, 2019, Acervo pessoal

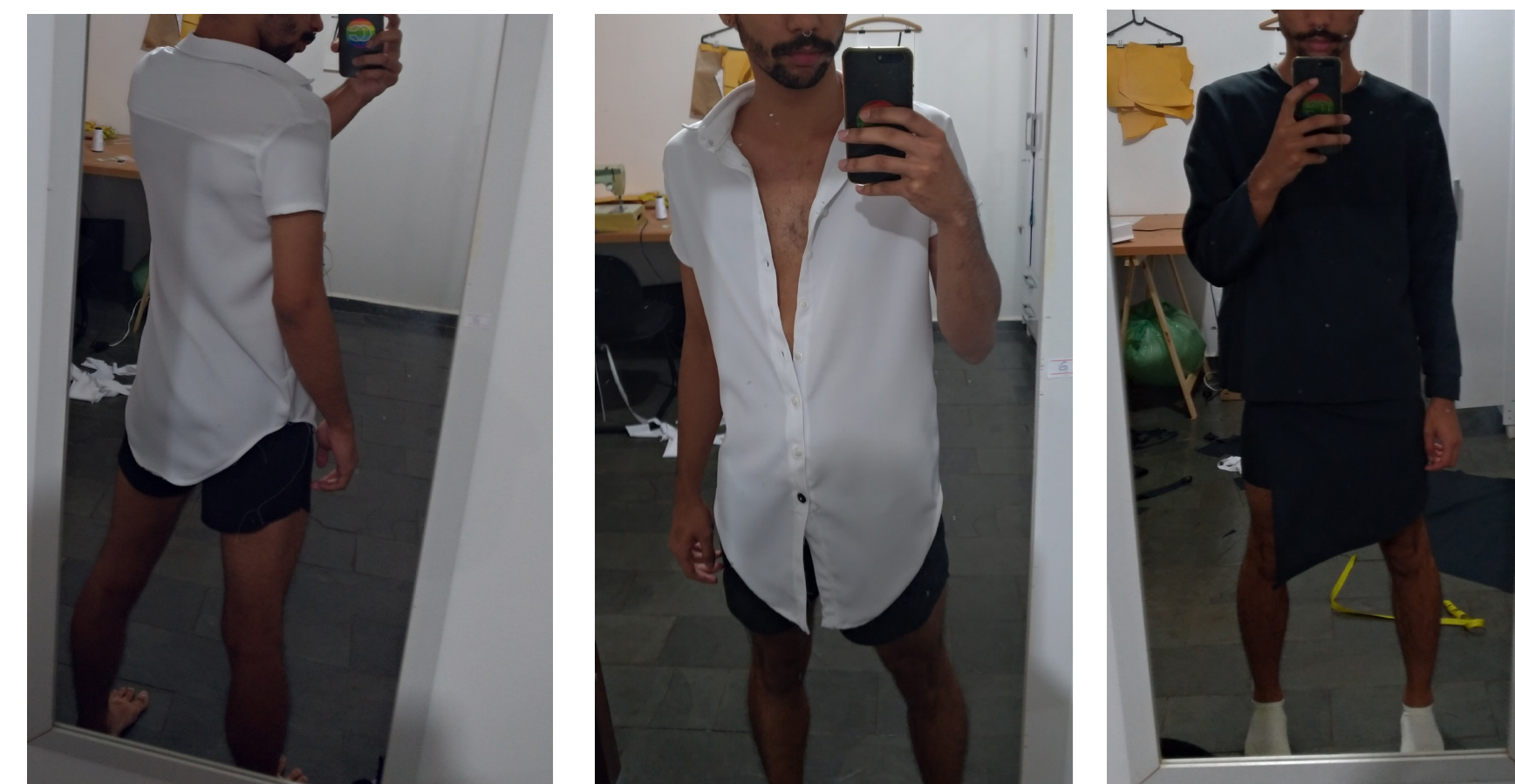
Alterações e Erros

Após as peças pilotos terem sido costuradas, notou-se a necessidade de alguns ajustes:

- I. A manga do camisão estava com um molde muito apertado, o que causou incômodo no autor no ato de vestir. Para corrigir, o desenho dos moldes virtuais foi remodelado para um diâmetro mais adequado.
- II. A Saia assimétrica estava com um tamanho incondi- zente e ao abrir as pernas era possível ver as áreas íntimas daquele que a usasse. Por esse motivo seu comprimento foi aumentado.
- III. As mangas do moletom estavam com comprimento curto, trazendo desconforto. O tamanho foi ajustado.
- IV. A jaqueta cropped inflada apresentou um diâmetro de tórax muito grande, o que fez com o tecido sobrasse nas costas. Dos 38 cm foram reduzidos 12 cm.

Isso demonstra a importância da etapa de produção de protó- tipos ou peças pilotos. Somente nesta etapa é possível aferir estes pequenos ajustes, que farão toda a diferença no resulta- do final do projeto.

IMAGENS 23,24 E 25: peças piloto look ja- queta cropped inflado, 2019, Acervo pessoal



IMAGENS 26 E 27: peças piloto look camisão, 2019, Acervo pessoal

IMAGENS 28: peças piloto look moletom + saia, 2019, Acervo pessoal

2.4 - PRODUÇÃO DAS PEÇAS FINAIS

Com as peças pilotos elaboradas, ajustes realizados e a constatação de que as peças poderiam ser confeccionadas na realidade, deu-se início a etapa de produção das peças finais deste estudo. Este capítulo abordará a etapa de estampagem dos tecidos, procura de modelos, costura e produção de ornamentos.

Estampagem de tecidos.

TECIDO LAMBE

Para a elaboração do desenho desta estampa fez-se um breve levantamento imagético no qual notou-se a exaltação das seguintes características visuais: altos pesos tipográficos, uso de tipografia condensada, excesso de preto em contraste com o branco e um tom neon, distorções de letra e uso de moldura.

Influenciado pelo lambe clássico de “trago seu amor de volta em 7 dias”, utilizado pelo serviço de cartomante, foi produzido um lambe que exaltasse estas características. Foram produzidas três variações de cor: laranja, verde neon e rosa choque. A priori seria utilizado o verde limão para a produção das peças, mas por conta da mistura das cores usadas no projeto (preto, dourado e laranja), entendeu-se que o laranja fornecia melhor harmonia cromática às composições.

Desta arte, produziu-se um rapport que fora impresso em moletinho 100% poliéster, em estamperia digital. Tal processo foi escolhido por ser de rápida feitura e excelente resultado.

O processo de estampagem deste tecido (e do tijolo também) foi elaborado pela empresa EcoTex Estamperia Digital, situada na cidade de Americana, no interior paulista. Além do moletinho, eles possuem uma cartela de diversos tecidos sintéticos que podem ser estampados digitalmente.



IMAGEM 29: Painel de referências Lambes, 2018, acervo pessoal



IMAGEM 30: módulo de estampa lambe, 2019, Acervo pessoal



IMAGEM 31: Tecido Lambe, 2019, Acervo pessoal



TECIDO TIJOLO

Inicialmente foi necessário utilizar uma fotografia de um muro de tijolos, que foi realizada sob sol do meio dia, para conferir um alto contraste de sombras.

Como a angulatura da lente gera distorções fotográficas, foi necessário, no processo de edição, alinhar as linhas dos tijolos para trazer sensação de plano à estampa. Após esta etapa iniciou-se o processo de rapport da estampa, para que ela pudesse ser um módulo a ser repetido infinitas vezes. Após a finalização, obteve-se este resultado:

Assim como dito anteriormente, a impressão deste tecido também foi feita na EcoTex, mas em crepe, já que o intuito era a produção de uma camisa.



IMAGEM 32: parede tijolos original, 2018, acervo pessoal



IMAGEM 33: módulo de estampa tijolo, 2019, Acervo pessoal





IMAGEM 34: Tecido Tijolo, 2019,
Acervo pessoal

TECIDO PIXO

Desde o começo do projeto tinha-se receio quanto a efetivação desta estampa, visto que não existem referenciais teóricos a seu respeito. Por este motivo foram realizados testes nos tecidos utilizados para as peças piloto e obteve-se o seguinte resultado:



IMAGEM 35: teste spray em tecido, da esquerda para direita: two-way, oxford e tactel, 2019, Acervo pessoal

Uma observação a ser feita é que até no tecido branco (o que obteve melhor resultado dentre os utilizados) a tinta parecia desbotada e não vívida. Chegou-se a hipótese de que o grande problema desta estampagem estaria na trama do tecido, ou seja, a tinta escapava por entre os buracos da trama de fios. Era necessário então um tecido sem tramas mas que ainda sim fosse elástico para o uso neste projeto.

Procurou-se um tecido um tecido sintético que imitasse a aparência e a textura do couro, ou algum que tivesse uma película que vedasse a trama do tecido. A busca se encerrou no

Brás (bairro de São Paulo conhecido pelo comércio têxtil e popular) e foi adquirido um tecido chamado corino, que apresenta acabamento brilhante e elástico. Foi o que obteve o melhor resultado dentre todos os estampados anteriormente e foi o escolhido para a produção final.

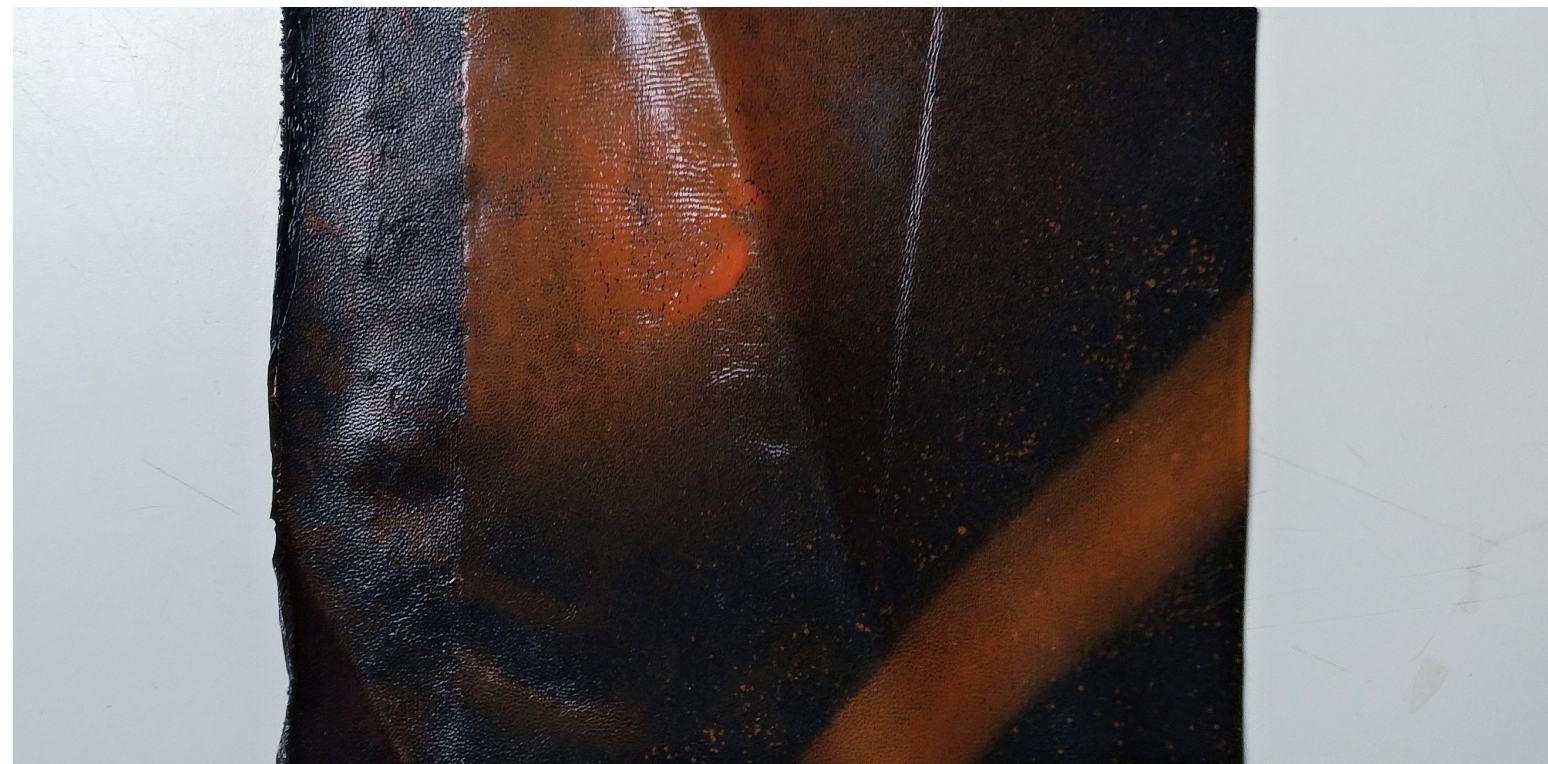


IMAGEM 36: teste spray em tecido corino com elastano 2019, Acervo pessoal

Deu-se início a etapa de estampagem do tecido e foi necessária a sua esticagem numa espécie de varal, para que pudesse ser “pixado” com o uso de tinta spray para efeitos metálicos dourada. Por impossibilidade técnica, a estampagem do tecido foi feita com o “bico” padrão da tinta, que não é o mais indicado para este fim.



IMAGEM 38: tecido pixado, 2019, Acervo pessoal



IMAGEM 39: selfie com tecido e amigos, 2019, Acervo pessoal

IMAGEM 37: Michael pixando tecido, 2019, Acervo pessoal

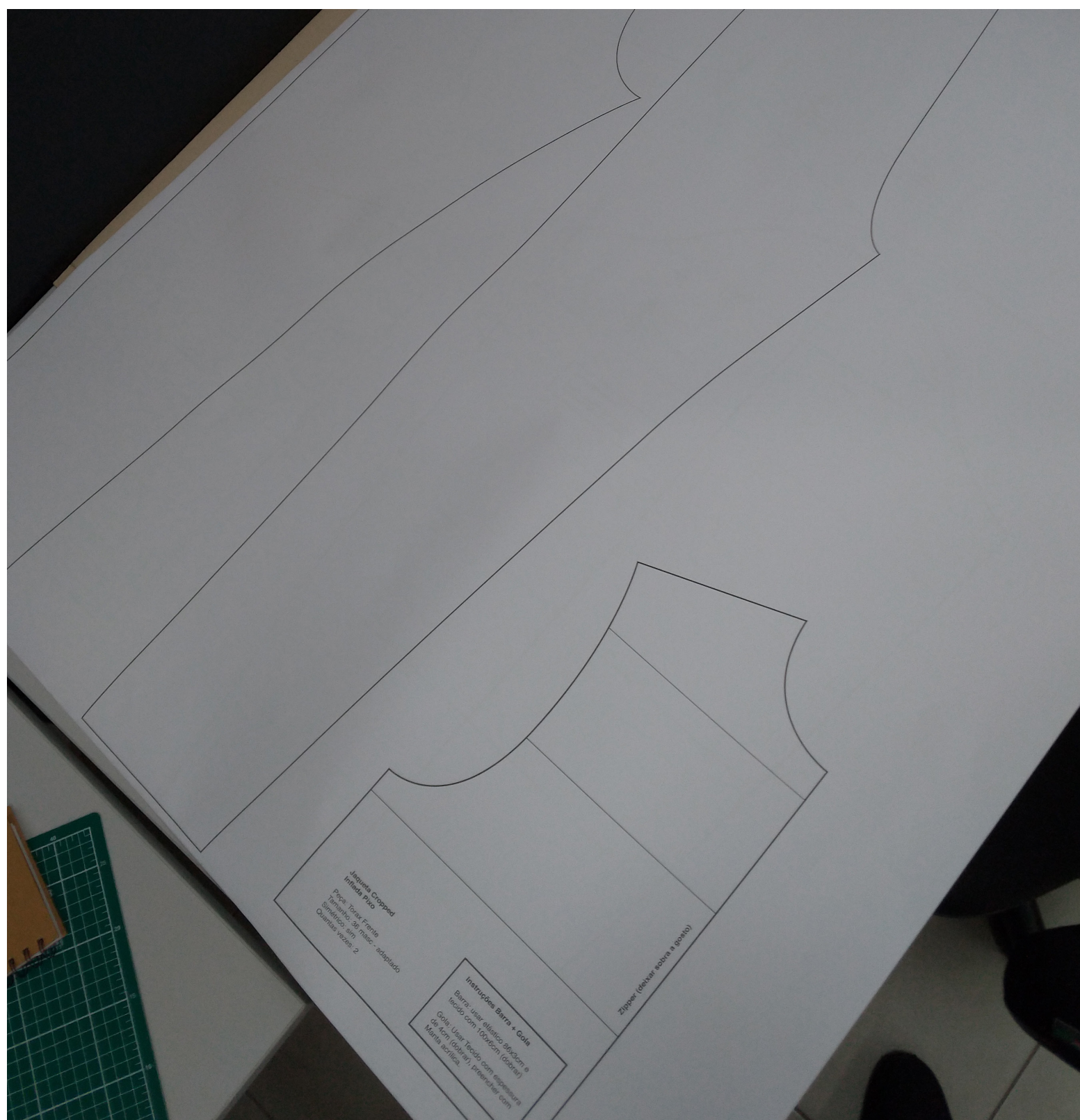


IMAGEM 37: Tecido Pixo, 2019,
Acervo pessoal

Modelagem final

Com a definição dos modelos, as medidas foram aferidas e as modelagens foram adaptadas digitalmente e impressas pelo sistema de plotagem (o que facilitou muito este processo), com exceção da modelagem da saia, que tinha tamanho maior do que o permitido para este tipo de impressão.

Os moldes foram recortados e entregues ao costureiro que procedeu a costura das peças finais.



Costura final.

Nesta altura do projeto, com tudo devidamente encaminhado, o colega de turma Matheus Barbosa foi contatado, por sua habilidade com técnicas de costura, para que fizesse a costura final das peças.

As peças foram costuradas sem grandes dificuldades, com exceção das peças do eixo pixo. O tecido corino utilizado não desliza facilmente na máquina de costura caseira ou mesmo na industrial, o que gerou algumas dificuldades no momento da costura da jaqueta cropped inflada, pois esta, em um determinado ponto da costura, necessita ser ligada à manta acrílica, outro tecido que não desliza na máquina.

A solução para este problema foi o uso de tecido de sobra e de papel vegetal nas costuras em que essa ligação acontecia. O tecido de sobra foi utilizado na parte interior, que seria tampada posteriormente com o forro de Bember. Já na parte posterior foi usado o papel que fora destacado a posteriore, não deixando nenhum resquício na peça e possibilitando sua costura. Segue ilustração que melhor explica este ponto.

IMAGEM 40: modelagens plotadas, 2019, Acervo pessoal

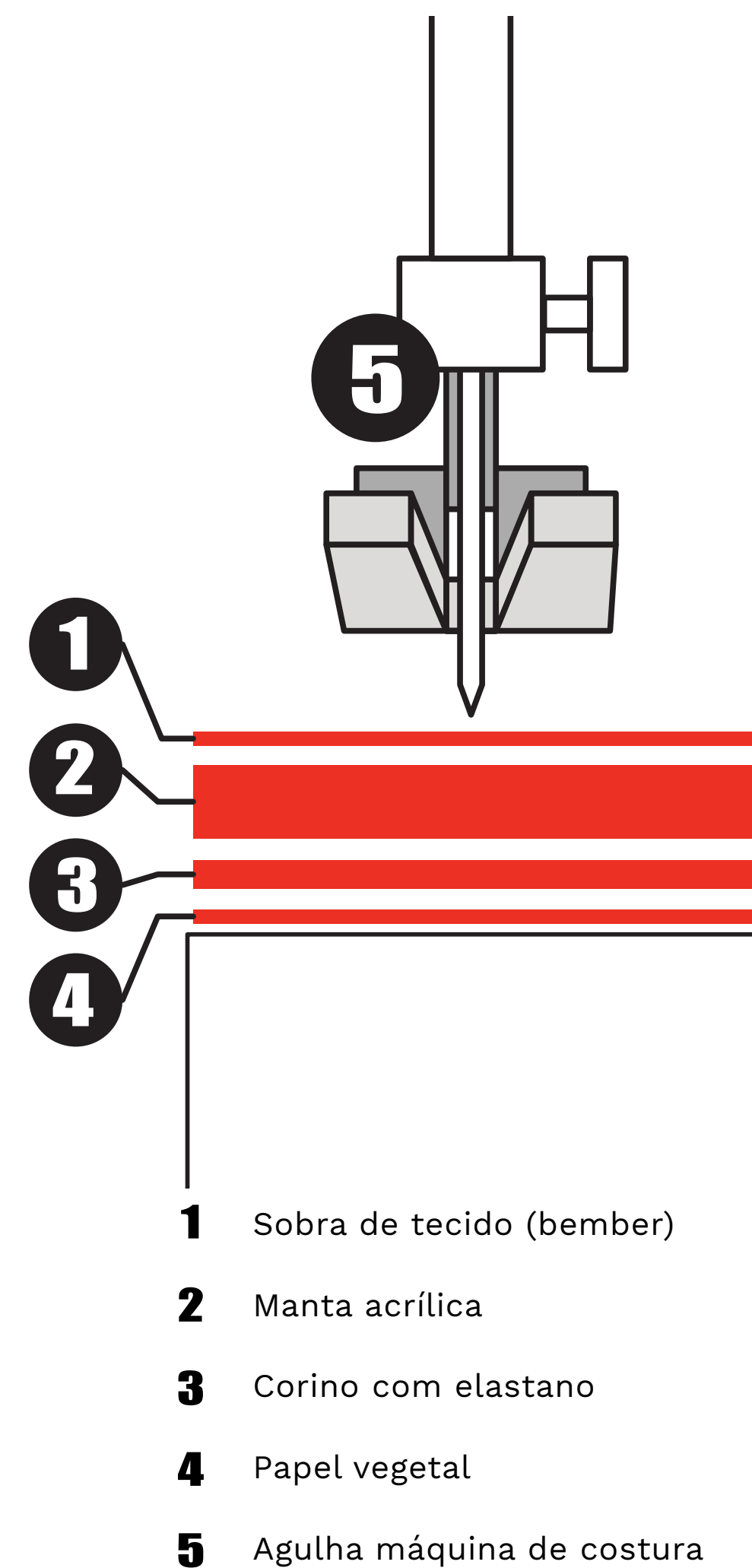


IMAGEM 41: diagrama costura, 2019, Acervo pessoal

Prova dos modelos

As peças passaram por prova dos modelos escolhidos para o ensaio fotográfico para avaliar se todos os caimentos estavam de acordo com o esperado.

Ao lado, segue imagens das provas dos modelos em diversas perspectivas.

Todas as peças couberam nos modelos, havendo ajuste somente na calça cintura alta do look Pixo, na qual optou-se por fazer um ponto na barra da calça para que a mesma ficasse mais justa.



IMAGEM 42: prova do look mole-tom + saia. Modelo: Rodrigo Santos, 2019, Acervo pessoal



IMAGEM 43: prova do look camisa. Modelo: César Augusto, 2019, Acervo pessoal



IMAGEM 44: prova look jaqueta cropped inflada + calça skinny. Modelo: Gustavo Henrique, 2019, Acervo pessoal

Acessórios: bixa, esse brilho é seu!

Desde o início do Bixa, o uso de acessórios se mostrou extremamente crucial para a eficácia do projeto. Durante a elaboração dos croquis é possível reconhecer que eles são peças que compõem muito bem os visuais propostos. Por esse motivo alguns acessórios foram elaborados especialmente para serem utilizados no ensaio fotográfico.

Existem duas referências que norteiam a escolha dos acessórios. A primeira delas é a cultura da ostentação, que pode ser conferida pelo uso extremo do dourado em correntes, argolas, pedraria e afins. A segunda consiste nos vídeos elaborados por Saullo Berck. Também auto intitulada a “Rainha dos Tijolos”, ele ficou conhecido após a viralização de seus vídeos nos quais dança coreografias de música pop usando como salto alto um tijolo no pé.

O primeiro acessório feito confeccionado foi a customização de uma réplica do óculos Juliet, popularizado entre a comunidade do funk, que apresenta altíssimo valor social, geralmente associado a cultura heterossexual. Foi acrescentado bordado carnavalesco ao óculos, pedras sintéticas e brilhosas, trazendo mais brilho e resignificando o que se espera do Juliet.



IMAGEM 45: Saullo Berck em vídeo “Sim ou Não - Anitta feat. Maluma (versão 2), 2016, Reprodução YouTube



JULIET
JULIET
JULIET

PAPETE PAPETE PAPETE

Brincos e correntes também confeccionados. Usou-se brincos de argola prontos, correntes douradas das mais variadas, argolas e anzóis de brinco para produzir uma série de joias.

Além disso, também foi confeccionada uma papete para o look tijolo, inspirada na estética proposta por Saullo Berck, citado anteriormente. Foram usadas fitas de mochila, EVA de tatame 10mm, estilete e cola de contato para a produção deste sapato.

EXO3

NALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES

NALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES

NALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES

NALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES • FINALMENTES

60 - RESULTADOS FINAIS

68 - CONCLUSÃO

70 - BIBLIOGRAFIA



3 - RESULTADOS FINAIS

Para melhor organização relato os resultados finais por looks, descrevendo características visuais, pontos a melhorar e acabamento das peças.

LOOK TIJOLO LOOK TIJOLO

Camisão de crepe 100% poliéster, impresso digitalmente com estampa de tijolos, costurada com linha laranja que mescla-se com a estampa, nove botões pretos foscos de 15mm e gola rígida com entretela termocolante.

Shorts de Tactel, curto, com cintura em elástico e acabamento arredondado na lateral.

O camisão em crepe, originalmente apresentava um pixo feito artesanalmente na parte inferior frontal e traseira, contudo, por falta de sobra de tecido, optou-se por alterar tal característica.

O resultado ficou dentro da expectativa, o crepe deu um excelente caimento por ser um tecido leve, as cores da impressão ficaram muito vivas, superando expectativas. Contudo, a estruturação da gola faz com que, quando usada aberta, a camisa tenha aspecto “engessado”. Além disso, tem-se noção que os botões pretos causaram um contraste que, fora dessa composição (com shorts preto), pode causar alguns problemas. O Shorts ficou totalmente dentro das expectativas.

Quanto aos acessórios, o resultado da papete de tijolo, como elemento conceitual foi excelente, principalmente com a composição abaixo. Nota-se que a referência ao trabalho de Saullo é notada por todos que viram o projeto até o momento. As correntes douradas trazem luz para a composição, assim como os brincos.



TIJOLO

JOLO

JOLO



JOLO
JOLO

MOLETOM + SAIA •



MOLETOM + SAIA •

Blusa manga longa produzida em moletinho 100% poliéster, impressa digitalmente, com acabamentos feito em ribana 100% poliéster preta. Saia produzida totalmente no moletinho citado anteriormente, com duas camadas de tecido, o que faz dela uma saia sem frente ou verso, com duas tiras para amarração.

O resultado ficou dentro das expectativas, a estampa do tecido ficou um pouco mais avermelhada do que o esperado, mas isso não é um problema projetual. O caimento da saia ficou impecável e a elasticidade da malha traz muito conforto ao vestir as peças. A ribana trouxe um peso interessante a peça, dando um aspecto oversized à blusa.

O dourado dos acessórios mais uma vez traz luz a composição, contudo entende-se que devido a grande poluição visual derivada da estampa, um uso exacerbado dos acessórios pode trazer demasiada confusão de informações.

MOLETO M



LAMBÉ-LAMBÉ-LAMBÉ-LAMBÉ-LAMBÉ

JAQUETA CROPPED INFLADA+ CALÇA SKINNY

Jaqueta cropped em corino preto com elastano impresso artesanalmente com spray dourado, inflada com duas camadas de manta acrílica e forro de bember preto; punhos, barras e gola feitos em ribana preta, com zipper para jaquetas também preto.

Calça skinny cintura alta em corino preto com elastano, estampado artesanalmente com spray dourado, cintura com elástico.

O resultado ficou excelente, o contraste entre a cor do tecido e o spray superou expectativas. A composição foi a mais harmônica dentre todos os looks. A calça possui caimento perfeito e devido sua elasticidade aliado a espessura do tecido, proporciona uma suavização dos volumes. O único ponto a se observar é que o corino tem a tendência a descascar e é provável que a tinta da estampa também o faça - até mesmo antes do tecido - o que trará um tom mais grunge e marginal às peças. Não se entende isso como um problema projetual.

Mais que luz, os acessórios trazem continuidade à composição dando um aspecto mais uniforme ao todo, gerando um balanço visual impecável. O sapato de salto traz mais feminilidade, sendo de grande importância para a composição.





PIXO
BIXA
PIXA
BIXA



EDITORIAL

FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO DE ARTE
Michael Garcia

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Fernanda Cotez Redivo e Michael Garcia

FOTOS
Fernanda Cotez Redivo e Gabriel Rangel

BEAUTY
Hellige Santanna

ASSISTÊNCIA
Igor Fontes

MODELOS

Look Lambe: Rodrigo Santos
Look Pixo: Gustavo Henrique
Look Tijolo: César Augusto

AGRADECIMENTOS

Obrigado Rafael Modesto e Roberto Modesto por cederem espaço para o ensaio fotográfico, no Jardim Ivone, em Bauru/SP



4 - CONCLUSÃO

Através das bibliografias trazidas no referido estudo, é possível constatar como o processo de formação de identidade da bixa preta é defasado. Primeiramente, visto o sistema de formação da psique do negro, como demonstrado no estudo de Neusa Santos Sousa (1983), no qual foi possível analisar que as relações de Ideal de Ego resultam em negros diaspóricos que negam sua etnia e que por nunca conseguirem alcançar tal anseio, tornam-se infelizes. Outro fator é a sistematização complexa de opressões sobre a sexualidade Bixa. A Hetero-cis-normatividade que se apresenta na masculinidade negra, nas normas da comunidade Gay e dentro, é claro, dos padrões de masculinidade hegemônica invisibilizam todos os aspectos da Bixa preta. Pondo o homossexual-negro-afeminado dentro de um paradoxo identitário.

Mediante os estudos de Joice Berth, que explanam sobre o Empoderamento é possível entender que esta é uma saída fenomenal para romper as barreiras da invisibilização estrutural da bixa. Sendo este o objetivo central deste estudo: facilitar o processo de empoderamento de homens homossexuais negros a partir de uma produção de moda que seja visualmente im-

pactante e que fomente as discussões sobre as ideologias que a cercam. Pondo bixas pretas em local de destaque, fazendo-as ocuparem espaços de protagonismo.

A exaltação de características estéticas marginais provenientes da periferia paulistana, foi a forma encontrada para criar essa linguagem visual, pois além de características visuais ainda não exploradas dentro da produção de moda, elas trazem significados quanto sua origem. O intuito é chocar os moldes hegemônicos estéticos.

Compreende-se então que a estética dessa coleção e seus simbolismos são os fatores cruciais que desencadeiam a relação bixa-empoderamento-protagonismo, pois facilitam os processos de empoderamento e quebram as barreiras impostas pela invisibilidade estrutural.

Sendo assim, com essa nova estética, que muito significa quanto representação negra, viada e periférica, cria-se um aspecto que pode ser absorvido dentro do processo identitário não essencialista. Mais um fragmento dentre tantos outros,

que podem facilitar que estas pessoas se sintam maior representadas.

Com os resultados demonstrados no capítulo anterior, conclui-se que os objetivos propostos foram alcançados. Obviamente é impossível mensurar o quanto essa coleção facilita o empoderamento de bixas pretas. Porém, por seu sucesso de execução, entende-se sua potencialidade.

Ao final deste estudo, foi possível entender de forma mais aprofundada os processos de produção de moda, utilizando novas tecnologias de modelagem e de impressão. Contudo, tem-se consciência que os conhecimentos mais enriquecedores deste projeto foram os provenientes das discussões sobre a interseccionalidade gay-negro-afeminado. Entender e discutir sobre o processo de formação do ser bixa, sistemas de opressão e empoderamento foi mais que ter fundamentação teórica para as escolhas feitas aqui, foi um processo de auto-avaliação e auto-conhecimento aprofundado, que fomentou muito debate sobre a formação pessoal do autor.

5-BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade**: entrevista a Benetto Vecchi; tradução, Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2004

BAXTER, Mike. **Projeto de Produto**, Guia prático para o design de novos produtos. São Paulo: Editora Blucher, 2011.

BRAGA, João. **Reflexões sobre moda**. 4 ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, Vol. I. 2008.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

DAVIS, A. 1944. **Mulheres, Raça e Classe**. 1 ed. São Paulo: Boitempo. 2016.

FERNANDES, V.; SOUZA, M. C. **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 63, p. 103-120, 29 abr. 2016.

FIALKOWSKI, M.; RIBEIRO, E. **A moda como reflexo das transformações sociais e emancipação feminina**. Revista os desafios a escola pública paranaense na perspectiva do professor pde, Produções Didático-Pedagógicas, Vol. II, 2014.

GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M. FERNANDES, M. (orgs.). **História do movimento LGBT no Brasil**. 1ª Edição, São Paulo: Alameda. 2018.

HORNSTEIN, B. L. **Teoria de las ideologias y psicoanalysis**. Buenos Aires, Kargieman, 1973

JESUS, Diego Santos Vieira de. **‘Só macho na encolha’**: a heteronormatividade em aplicativos de redes geossociais gays em territórios criativos do Rio de Janeiro. Revista Ártemis, Vol. XXIII nº 1; jan-jun. pp. 63-78. 2017

MENEZES, Vitor. **Identidade e processos de identificação**: um apanhado teórico. Revista Intratextos, vol 6, n.1, p. 68-8, 2014

MEYER, E. E.; PETRY, A. R. **Transexualidade e heteronormatividade**: algumas questões para a pesquisa. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. - Curitiba, 2017.

PAIXÃO, Sandro José Cajé da. **O meio é a paisagem**: pixação e grafite como intervenções em São Paulo - São Paulo, 2011.

PIXO, Direção de João Wainer e Roberto T. Oliveira. São Paulo. 2009

5-BIBLIOGRAFIA

SAULLO BERCK, Sim Ou Não - Anitta Feat Maluma (Versão 2), disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=adBWof46fZc>> Acesso em Outubro de 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença:** A perspectiva dos Estudos Culturais/ Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed - Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro:** as vivências do negro brasileiro em ascensão social - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRAVIS DAVIDS, Marvelous Designer 7 - How To Create A Beanie, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cZbrC-ChY8bs&t=1595s>> Acesso em Março de 2019.







Handwritten white graffiti on the left side of the image, consisting of stylized, abstract characters.

MICHAEL GARCIA DA ROCHA

2 0 1 9